

TÂNIA MARIA BARROSO RUIZ

ASPECTO: um estudo de sua expressão
pelas flexões verbais

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná para obtenção do grau de Mestre em Letras na área de concentração em Lingüística de Língua Portuguesa.

Orientador: José Borges Neto

CURITIBA

1992

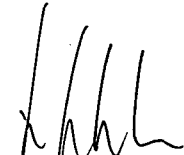
ASPECTO: um estudo de sua expressão pelas
flexões verbais

por

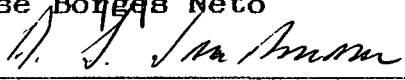
TANIA M. BARROSO RUIZ

Dissertação aprovada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre no Curso de
Pós-Graduação em Letras, pela Comissão
formada pelos professores:

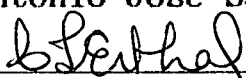
ORIENTADOR:



Prof. José Borges Neto



Prof. Antonio José Sandmann



Profª Cecília Inês Erthal

Curitiba, 23 de abril de 1992.

*O homem produz, transforma e
significa.*

Martin Buber

*Aos amigos de todas as horas e
às pessoas que, direta ou
indiretamente, contribuíram para
a realização deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Aos professores e colegas do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, pela formação profissional e gratificante convivência;

Em especial, ao prof. José Borges Neto, pelas discussões enriquecedoras e pelo exemplo de dedicação à profissão;

A prof.^a. Marlene Rodrigues, pela amizade e incentivo à busca do conhecimento em suas várias facetas;

A Coordenação para Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela bolsa de estudos;

A minha mãe, pelo apoio e paciência;

Aos amigos, pela compreensão e incentivo;

Em especial, a Sandra, pela digitação e editoração do trabalho, a Márcia e a Margareth, pelo estímulo - amigas que muito contribuíram na fase final deste trabalho;

As pessoas que acreditam que "a auto-realização é um "efeito colateral" da plenitude de sentido, da transcendência de si mesmo". (VIKTOR E. FRANKL)

SUMARIO

RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPITULO I - ABORDAGENS DA CATEGORIA ASPECTO NO PORTUGUES.....	5
1 A POSIÇÃO DA GRAMATICA TRADICIONAL.....	6
2 A PROPOSTA DE CASTILHO.....	12
3 O ESTUDO DE TRAVAGLIA.....	18
4 A ANALISE DE MATEUS ET AL.....	33
NOTAS DE REFERENCIA.....	42
CAPITULO II - CARACTERIZAÇÃO DO ASPECTO.....	44
1 A INTERPRETAÇÃO DE COROA.....	45
2 TEMPO E ASPECTO.....	51
3 A PERSPECTIVA DE BACK & MATTOS.....	55
NOTAS DE REFERENCIA.....	64
CAPITULO III - ASPECTO: uma proposta de análise.....	65
1 ANALISE.....	66
NOTAS DE REFERENCIA.....	80
CONCLUSÃO.....	81
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	83

RESUMO

Esta dissertação trata da interpretação semântica das flexões verbais no português, restringindo-se aos tempos simples do indicativo.

Fundamentando-se na proposta de BACK & MATTOS,³ discute-se a expressão do aspecto pelas flexões do verbo, limitando-se às formas verbais do presente, pretérito perfeito e imperfeito do indicativo em períodos simples.

O estudo é composto de três capítulos: Abordagens da categoria aspecto no português, Caracterização do aspecto e Aspecto: uma proposta de análise. No primeiro capítulo, tem-se os principais estudos da categoria aspecto no português. No segundo, apresentam-se o estudo de REICHENBACH⁴ e a proposta de COROA¹¹ para a interpretação do tempo verbal. Em seguida, discute-se a relação tempo/aspecto e caracteriza-se o aspecto segundo a perspectiva de BACK & MATTOS. O terceiro capítulo propõe uma análise da expressão do aspecto pelas flexões verbais no português.

ABSTRACT

This dissertation deals with the semantic interpretation of verbal inflection in Portuguese, limited to indicative simple tenses.

Taking the proposal of BACK & MATTOS² as a starting point, the expression of the aspect through verbal inflections is discussed, restricting the discussion to the verbal forms of the present, past perfect and imperfect tenses of the indicative within simple sentences.

The study is composed of three chapters: Aspect approaches in portuguese, Caracterizacion of aspect and Aspect: a proposition of analysis.

The first chapter presents the most important studies on aspect category in Portuguese. The second one deals with REICHENBACH³'s study and COROA's⁴ proposition to an interpretation of verb tense. Then, it examines the relation tense/aspect and it defines aspect based on BACK & MATTOS²'perspective. The third chapter proposes an analysis of the expression of aspect through verb inflections in Portuguese.

INTRODUÇÃO

A noção de tempo sempre me fascinou tanto em suas diversas concepções filosóficas e científicas quanto na sua utilização diária pelas pessoas. Compreender melhor como o tempo é expresso em português aumentou a minha paixão pelo estudo da linguagem e também me mostrou como é complexa essa questão.

O estudo do tempo no português, como nas demais línguas, tem originado a produção de vasta bibliografia. Com perspectivas teóricas distintas, muitos lingüistas vêm se preocupando com as questões semânticas envolvidas na expressão temporal das formas verbais e dos chamados adjuntos adverbiais de tempo.

Fundamentando-se na proposta de BACK & MATTOS,³ na qual o tempo é expresso pelas circunstâncias da situação (contexto extralingüístico) e por vocábulos específicos, tais como: ontem, hoje, etc. (contexto lingüístico), e onde as flexões verbais possuem um significado autônomo (modo-aspectual), este estudo pretende demonstrar que a flexão verbal em português não indica tempo, mas sim aspecto PERFEITO (fato acabado) ou IMPERFEITO (fato inacabado).

A presente análise é restrita às formas verbais simples do presente, pretérito perfeito e imperfeito do indicativo em períodos simples. O pretérito mais-que-perfeito (limitado,

atualmente, ao uso literário ou a estilos de fala formais) não será objeto deste estudo.

As formas compostas, por sua maior complexidade, não serão discutidas, visto que envolvem a sua própria definição, bem como a noção de verbo auxiliar e sua indicação aspectual em expressões como "começou a cantar", "terminava de cantar", "acabou de sair" ou "acabava de sair", entre outras.

O futuro do presente e o do pretérito não serão abordados, visto o caráter distinto das suas flexões: esses tempos tiveram origem nas perífrases de "infinitivo + haver" (por exemplo: cantar + hei/cantar + hia).^{*} Seu estudo não se faria pertinente também pelo fato de as suas formas simples estarem sendo substituídas no português coloquial pelas perífrases verbais^{**} evidenciando um processo de mudança lingüística regular e sistemático.

O trabalho se compõe de três capítulos: Abordagens da categoria aspecto no português, Caracterização do aspecto e Aspecto: uma proposta de análise.

No primeiro capítulo, discuto o papel da flexão verbal na indicação do tempo segundo a gramática tradicional. Em seguida, apresento os principais estudos da categoria aspecto no português - CASTILHO,⁷ TRAVAGLIA,³⁶ e MATEUS,²⁷ com o objetivo de investigar a função da flexão verbal na expressão do aspecto em português e sua interação com a categoria tempo. De um modo geral, a perspectiva desses autores é similar à da

^{*}Ver discussão sobre a flexão de aspecto e o futuro românico in CAMARA JUNIOR, J.M. Historia e estrutura da lingua portuguesa. 2.ed. Rio de Janeiro, 1977. p.126-140.

^{**}Ver FORTES, E. Estrutura do Verbo no Português Coloquial. Petropolis, Vozes, 1977. _____. Verbos Auxiliares em Português. VOZES, 1973.

gramática tradicional. tratando a flexão como modo-temporal. Em oposição a esse tratamento da flexão verbal, vou considerá-la como indicativa de aspecto, tendo como referência o estudo de BACK & MATTOS.

O segundo capítulo apresenta a abordagem de COROA¹⁴ sobre a interpretação semântica do tempo nos verbos do português, tendo como base o estudo de REICHENBACH¹⁵ sobre os tempos verbais do inglês - em que a noção de tempo é caracterizada em função da relação entre três momentos: o momento da fala (MF), o do evento (ME) e o de referência (MR). Como o trabalho de COROA também considera a flexão como modo-temporal e por esse motivo também apresenta os problemas levantados no capítulo I, discuto, em seguida, a relação tempo/aspecto e sua expressão pelas flexões verbais. Seguindo a sugestão de BORGES NETO de que a proposta de BACK & MATTOS pode ser útil na análise do aspecto em português no sentido em que classifica as formas flexionadas a partir da "semia" de acabamento, apresento o sistema de BACK & MATTOS e caracterizo o aspecto segundo a perspectiva desses autores.

No terceiro capítulo, proponho uma análise da expressão gramatical dos aspectos PERFEITO e IMPERFEITO no português, utilizando o sistema de REICHENBACH e a classificação dos morfemas aspectuais da língua portuguesa desenvolvida por BACK & MATTOS. Baseando-me em BORGES NETO e BACK & MATTOS, separo as relações entre ME e MR, que caracterizam o aspecto, das relações entre (ME/MR) e MF, que caracterizam o tempo, no processo de análise. Logo, considero o tempo uma categoria dêitica estabelecida como a relação entre o tempo da situação descrita e algum outro tempo, geralmente o momento da fala. Em

oposição ao caráter dêitico do tempo, denomino aspecto a outra noção temporal expressa pelas flexões verbais e caracterizada como um tempo "próprio" do evento.

Para facilitar a compreensão dos diferentes conceitos que, tradicionalmente, possuem denominação semelhante, utilizo a forma PERFEITO e IMPERFEITO para caracterizar aspecto perfeito e imperfeito, adotando perfeito e imperfeito quando me refiro aos tempos verbais. Conceituo como TEMPO a idéia geral e abstrata de tempo, sem considerar a sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase. Também denomino tempo a categoria dêitica que relaciona o momento da situação descrita ao momento da fala, correspondendo ao presente, passado e futuro.

CAPITULO I

*ABORDAGENS DA CATEGORIA ASPECTO
NO PORTUGUES*

1 A POSIÇÃO DA GRAMÁTICA TRADICIONAL

As gramáticas tradicionais* consideram as categorias tempo, modo, número, voz e pessoa ao analisarem o verbo. Nelas, o tempo indica o momento em que a ação verbal se realiza, o que é expresso pelas flexões verbais. Os chamados tempos naturais - presente, pretérito e futuro - designam, respectivamente, um fato ocorrido no momento em que se fala, antes desse momento e após esse momento.

Como os demais gramáticos, CEGALLA¹ também estabelece uma classificação para os tempos verbais do indicativo:**

Presente: Agora eu leio.

Imperfeito: Ele trancava a porta.

Pretérito: Perfeito: Ele trancou a porta.

Mais-que-Perfeito: Quando eu cheguei, ele já
trancara a porta.

Futuro do Presente: Beatriz ganhará o concurso.

Futuro do Pretérito: Beatriz ganharia o concurso.

Considerando que a flexão verbal do presente indica fatos simultâneos ao momento do diálogo, a do passado, fatos anteriores a esse momento e a do futuro, fatos posteriores a

*Ver SAID ALI (1964), PERREIRA, LIMA, ALMEIDA, CEGALLA, CUNHA, entre outros.

**A maioria dos exemplos deste capítulo foi retirada dos autores em questão.

esse momento - classificação dos tempos verbais do indicativo - o tratamento apresentado pelas gramáticas tradicionais - GTs, de agora em diante - é problemático.

Observem-se os seguintes exemplos:

(1) Amanhã **vou** ao parque.

(2) "**Formam-se** para o ano, não é?" (Machado de Assis)

(3) Naquela noite, após ela ter se deitado, **abre-se** a porta silenciosamente e **penetra**, no quarto, um vulto encapuzado.

(4) "Diga-me, Sr. Freitas! Se me **desse** na cabeça ir à Europa, o senhor **era** capaz de acompanhar-me?"
(Machado de Assis)

Em (1), a forma verbal **vou** deveria indicar fato ocorrido no tempo presente, simultâneo ao diálogo, conforme os critérios estabelecidos pela GT. Mas, devido ao sentido geral da oração, essa forma é equivalente a **irei**, futuro do presente. No exemplo (2), também se tem o uso do tempo presente com significado de futuro: a forma verbal **formam-se**, que corresponde a **formar-se-ão**, é um presente que deve ser entendido com significado de futuro. Em (3), **abre-se** corresponde, quanto ao significado, a **abriu-se** e **penetra**, a **penetrou**: tem-se uma forma verbal **presente** se referindo a fatos do passado. Já no diálogo (4), a situação mostra tratar-se de uma época futura, posterior ao momento em que se fala. Apesar disso, a GT afirma que as formas **desse** e **era** pertencem ao pretérito (pretérito imperfeito do subjuntivo e indicativo, respectivamente), indicadores de tempo passado.

Outro problema das GTs liga-se à descrição das seguintes sentenças:

Contexto: O cliente chega na Mesbla e pergunta ao balconista

(5) Você **podia** me atender?

(6) Você **pode** me atender?

A GT estabelece que a distinção entre (5) e (6) decorre do tempo verbal: pretérito imperfeito e presente do indicativo. Mas não há diferença de tempo, pois se tem o tempo presente nos dois casos. Logo, a GT não explica os usos de (5) e (6) tratando a distinção entre os exemplos como diferença de tempo.

A tradição gramatical não distingue as categorias tempo e aspecto, enquadrando os tempos verbais e suas subdivisões apenas na categoria tempo.* A diferença entre o presente, os pretéritos e os futuros se refere às categorias aspecto e modo, o que torna necessário não apenas distingui-las da categoria tempo, como também caracterizá-las em sua especificidade e natureza.

A lingüística moderna estabelece duas noções em interação na significação temporal dos verbos: a própria noção de tempo e a de aspecto.** COMRIE,² entre outros lingüistas, faz essa distinção, resultando, de certo modo, uma abordagem crítica da Gramática Tradicional.

*Alguns autores, apesar de não se referirem à categoria aspecto, utilizam-se de noções aspectuais para descrever certos fatos da língua. Esses autores tiveram a atenção chamada para as noções aspectuais a partir da observação das perífrases verbais, em que o aspecto tem presença fortemente marcada. DIAS, por exemplo, fala em presente iterativo e em perfeito indicador de ação passada. Também SAID ALI (1971) se refere às noções aspectuais em sua definição de presente momentâneo e nos exemplos de imperfeito durativo e freqüentativo.

**Ver, por exemplo, MATTOSO CAMARA JR.

Para ele,

(....) Tense relates the time of the situation referred to some other time, usually to the moment of speaking. The commonest tenses found in languages - though not all languages distinguish these three tenses, or indeed distinguish tense at all - are present, past and future: a situation described in the present tense is located temporally as simultaneous with the moment of speaking (e.g. John is singing); one described in the past as located prior to the moment of speaking (e.g. John sang, John was singing); one described in the future as located subsequent to the moment of speaking (e.g. John will sing, John will be singing). Since tense locates the time of situation relative the situation of the utterance, we may describe tense as deictic (sem grifo no original).³

O autor considera que a categoria tempo é dêitica, isto é, relaciona o TEMPO da situação que está sendo descrita a um outro TEMPO, geralmente o momento da fala. Já o aspecto é definido como as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna da situação.⁴

Exemplificando:

(7) He was reading.

(Ele estava lendo)

(8) He read.

(Ele leu)

A ocorrência da situação descrita pelas sentenças (7) e (8) - o ato de leitura - é anterior ao momento da enunciação, o que caracteriza o tempo passado. Ao contrário da tradição gramatical que trata a distinção imperfeito X perfeito como tempo e considera a flexão verbal indicativa de tempo, COMRIE pondera que a diferença existente nos exemplos dados não se caracteriza pelo tempo, pois o passado ocorre em ambos os casos, mas pelo seu caráter aspectual - aspecto IMPERFEITO X PERFEITO. Para exemplificar melhor essa distinção, observe-se o seguinte exemplo:

(9) John was reading when I entered.

(João estava lendo quando eu entrei)

Segundo COMRIE, o primeiro verbo apresenta a descrição de uma dada situação, enquanto a situação em si é introduzida pelo segundo verbo que mostra a totalidade da situação (minha entrada). A situação é apresentada como um todo único e não-analisável e nenhuma tentativa é feita para dividir a ação de entrar em várias fases (começo, meio e fim). As formas verbais com esse significado são denominadas PERFEITAS, o que caracteriza o aspecto perfectivo nas línguas que tenham formas para indicar este fato. Já as formas verbais que indicam a situação da leitura de João se referem a uma fase da leitura de João, não havendo indicação explícita ao seu começo ou fim. Este fato explica a interpretação da **minha entrada** como um evento ocorrente durante o período em que João estava lendo. As formas verbais com esse significado caracterizam o aspecto imperfectivo.

Desse modo, o autor estabelece que o tempo é um TEMPO externo à situação⁵ e o aspecto é um TEMPO interno à situação,⁶ considerando que o aspecto não é uma categoria dêitica, pois se refere à situação em si.

Algumas gramáticas tradicionais reconhecem a distinção entre tempo e aspecto, mas não a incorporam. CUNHA & CINTRA,⁷ por exemplo, afirmam, a princípio, que o aspecto designa uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pela verbo.⁸ O falante pode considerá-la como concluída, isto é, observada em seu término, ou como não-concluída, observada na sua duração, na sua repetição. Em seguida, afirmam que o aspecto é expresso pela flexão verbal (bem como o tempo):

(....) é a clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como perfeitas e mais-que-perfeitas, de um lado, e as imperfeitas de outro.⁹ Mas, ao discorrerem sobre a estrutura do verbo, tratam a flexão como modo-temporal.¹⁰ Os autores se confundem novamente ao afirmarem que não há oposição gramatical de aspecto em **João começou a comer**, **João continua a comer** e **João acabou de comer**,¹⁰ visto que o significado dos verbos auxiliares é que determina a expressão dos aspectos incoativo, permansivo e conclusivo, respectivamente.

Diferentemente das GTs, CUNHA & CINTRA reconhecem a categoria aspecto nos verbos do português, mas não conseguem dar um tratamento distinto do tradicional à questão. Os autores não caracterizam o que é o aspecto, descrevendo seus meios de expressão através de perspectivas que se opõem. Logo, os autores tentam incorporar a sua gramática os conhecimentos da lingüística em relação ao aspecto, sem, contudo, rever sua fundamentação teórica.

Em suma, a abordagem das GTs parece inadequada porque trata homogeneamente (flexão = modo/tempo) o que é heterogêneo, ignorando outras perspectivas que demonstram que a flexão não indica tempo, mas sim aspecto. É necessário, portanto, um estudo mais detalhado da natureza da flexão verbal.

2 A PROPOSTA DE CASTILHO

O trabalho de CASTILHO¹¹ aborda apenas o estudo do aspecto no português, apoiando-se no pressuposto de que a linguagem reflete o mundo, ou seja, há processos no mundo e a linguagem os expressa no todo ou em partes (recortes).

Ao usar a onomasiologia* como método de trabalho, o autor discorre sobre o quadro dos aspectos no português e os recursos de que a língua dispõe para sua expressão. Considera o aspecto uma categoria de natureza léxico-sintática, devido ao fato de, em sua caracterização, interagirem o sentido que a raiz do verbo contém (**semantema**) e elementos sintático-morfológicos, tais como: adjuntos adverbiais, o complemento do verbo, certos tipos oracionais, a flexão temporal, as perífrases e os sufixos. Não há, porém, uma relação um-a-um entre as categorias semânticas e as categorias sintático-morfológicas.

Para CASTILHO, o aspecto indica a duração ou desenvolvimento do processo e do estado expressos pelo verbo, o que significa dizer que o aspecto consiste na representação espacial do processo. Em outras palavras, é a categoria que se reporta aos graus de realização da ação.¹²

O autor classifica os verbos em duas classes semânticas: verbos télicos (ação) e atélicos (processo). Os primeiros exprimem ações tendentes a um fim, sem o qual essa

*Onomasiologia é a investigação das formas (signo) a partir dos conceitos.

ação não ocorre, por exemplo: matar, morrer, cair, engolir, etc. Os atélicos indicam ações que não tendem a um fim, representando o processo em sua duração, da qual não se exige completamento para admitir-lhe a existência, por exemplo: mastigar, viver, escrever, acompanhar, etc.

A partir dessa caracterização e da análise de textos literários, CASTILHO apresenta quatro valores fundamentais das modalidades de um processo ou estado, as quais correspondem aos quatro aspectos da língua¹³ (quadro 1).

QUADRO 1 - RELACAO ENTRE OS VALORES E OS ASPECTOS DO PORTUGUES

VALOR	ASPECTO
Duração	Imperfectivo
Completamento	Perfectivo
Repetição	Iterativo
Neutralidade	Indeterminado

FONTE: CASTILHO, 1968

Em virtude de sua natureza semântica, os verbos télicos atualizam aspecto perfectivo e os atélicos aspecto imperfectivo, ressalvada a possibilidade de mudança de classe em virtude da flexão, dos adjuntos adverbiais e dos complementos. Tanto os verbos télicos quanto os atélicos expressam o aspecto iterativo. Já os verbos que apresentam aspecto indeterminado, ou seja, ausência da categoria aspecto, formam uma terceira classe de verbos que não foi abordada por CASTILHO.

Esses quatro aspectos básicos são esquematizados por CASTILHO.¹⁴ como se vê no quadro 2.

QUADRO 2 - SISTEMA ASPECTUAL DO PORTUGUES

VALOR	ASPECTO
1. Duração	Imperfectivo Inceptivo Cursivo Terminativo
2. Completamento	Perfectivo Pontual Resultativo Cessativo
3. Repetição	Iterativo Iterativo Imperfectivo Iterativo Perfectivo
4. Negação da Duração e do Completamento	Indeterminado

FONTE: CASTILHO, 1968

O aspecto **imperfectivo** indica a duração pura e simples, comportando três subtipos: **inceptivo**, **cursivo** e **terminativo**. O aspecto **inceptivo** marca a duração de que se conhecem os primeiros momentos e apresenta duas subdivisões: o **inceptivo propriamente dito** que se refere ao começo puro e simples da ação, por exemplo:

(10) Começa aí, nesses primeiros meses invernosos de 22, a sua época de rapariga solteira.

e o **inceptivo incoativo** que diz respeito ao começo da ação e conseqüente mudança de estado. Exemplificando:

(11) Mas um dia (...) a casa do velho amanheceu em polvorosa.

O **cursivo** é o aspecto **imperfectivo** por excelência e indica a duração da qual se ignoram os limites. A ação é apontada em seu pleno desenvolvimento, inexistindo preocupações em torno do princípio ou fim do processo. Esse aspecto se subdivide em

cursivo propriamente dito, em que a duração pode ser ampliada ou restrita, como por exemplo:

(12) Escrevo às duas da manhã.

e **cursivo progressivo**, indicativo de uma duração que importa numa aceleração ou graduação do processo. Exemplificando:

(13) A amizade entre os dois políticos estreitava-se, e disto alguns tiravam o melhor proveito.

A terceira variante do imperfectivo, o **terminativo**, indica o término da ação após ter tido um período de duração, expressando-se por meio do **semantema** de verbos como **acabar**, **terminar**, **cessar**. Exemplo:

(14) A fita acabou e não falamos no incidente.

A expressão do completamento da ação corresponde ao **aspecto perfectivo**, cujas subdivisões, resultantes da noção fundamental de ação decorrida, são: **pontual**, **resultativo** e **cessativo**. O **pontual** indica o processo que é acabado tão logo tenha sido iniciado, como por exemplo:

(15) Em uma das vindas à capital, descobriu o vago namoro que me ligava a Carlota.

Quando o complementamento total da ação implica um resultado dele decorrente, tem-se o **resultativo**. Exemplificando:

(16) Vá para junto de papai e de Paulinho, não pense em mim. Se morrer, morri.

Já o **perfectivo cessativo** ocorre quando se depreende da ação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporta ao presente. Esse aspecto marca fortemente a interrupção do processo, como por exemplo:

(17) O povo acreditou na revolução pelos propósitos que alegadamente a animaram e que, sem dúvida, são aqueles a que nos referimos.

O aspecto **iterativo** corresponde à repetição e é de dois tipos, o **iterativo imperfectivo** e o **iterativo perfectivo**, conforme se repitam ações durativas ou pontuais. Tem-se como exemplos:

(18) Eu sei que falam de mim (iterativo imperfectivo)

e

(19) A todos que me procuravam para informar-se sobre o que estava acontecendo, respondia que de nada sabia (iterativo perfectivo).

Por fim, o aspecto **indeterminado** se caracteriza por não ser nem perfectivo, nem imperfectivo, sendo avesso não só à expressão de aspecto, mas também à de tempo. Exemplificando:

(20) Uma semana tem sete dias.

(21) Depois dos setenta todo velho fica sem vergonha.

A categoria tempo situa o processo num dado momento e a partir de três pontos de referência: o próprio falante, o momento em que se desenvolve outro processo e o momento em que se situa o falante, deslocando-se, em pensamento, para o passado ou para o futuro. CASTILHO pondera também que as categorias tempo e aspecto não são exclusivas, coexistindo na mesma forma. Desse modo, **dizia** tanto pode indicar tempo passado, quanto aspecto durativo.

Embora o autor atente que o aspecto é uma categoria verbal, também admite que outros elementos interagem na sua expressão - tipo oracional, adjuntos adverbiais, entre outros. Há o que se poderia chamar de "indeterminação sintática": uma

única categoria semântica pode ser veiculada por vários recursos sintáticos ou mesmo por uma conjugação de recursos. Portanto, o aspecto, para CASTILHO, é mais uma propriedade das sentenças (enunciados) do que do verbo.

CASTILHO considera a flexão verbal indeterminada, não explicitando seu papel na expressão das categorias tempo, aspecto e modo.* Para ele, uma forma temporal também pode assumir valores não-temporais, caso dos tempos de função modal. São exemplos:

(22) Mas enfim, se eu embirro com ela não importa,
posso bem mandá-la embora. (presente)

(23) Girou! (pretérito, valor de ordem)

Também podem ser incluídos aqui os tempos dotados de função temporal diversa da que sua forma expressa habitualmente:

(24) Não lhe escrevo sem ter em meu poder resposta sua.
(presente pelo futuro, entre outros).

Quanto à expressão do aspecto pela flexão temporal, CASTILHO considera apenas os casos em que a noção aspectual não decorre da natureza semântica do verbo, dos adjuntos adverbiais e do tipo oracional, parecendo concentrar-se na flexão. Para ele, os tempos do passado são os que mais alteram a inclinação aspectual do verbo (relação flexão temporal e semantema verbal): o imperfeito e o perfeito se conjugados com um verbo télico fazem-no iterativo; todavia, se conjugados com um verbo atélico confirmam-lhe a tendência aspectual.¹⁵ Logo, o autor apenas destaca a fonte da noção aspectual, sem vincular aspectos a tempos.

*O modo indica a atitude do sujeito em relação ao processo verbal, que pode ser encarado como algo real (Indicativo), eventual (Subjuntivo) ou necessário (Imperativo).

3 O ESTUDO DE TRAVAGLIA

TRAVAGLIA¹⁶ realiza um estudo detalhado sobre o aspecto verbal no português contemporâneo do Brasil da perspectiva da competência lingüística, com o objetivo de estabelecer o conjunto das possibilidades aspectuais existentes no código lingüístico do português.

O autor conceitua aspecto como uma categoria verbal de TEMPO,* não dêitica, através da qual se marca a duração da situação** e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação.¹⁸ Ao afirmar que o aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, TRAVAGLIA não esclarece se está se referindo à categoria morfo-sintática, semântica ou ao mundo: há coisas no mundo, modos lingüísticos de organizá-las e recursos sintáticos-morfológicos para expressar essas organizações. Portanto, o autor não explicita se o aspecto é um "recurso" morfo-sintático para marcar a duração da situação ou um "ponto de vista" do falante sobre a duração da situação, ou ainda uma possibilidade teórica de marcar essa duração.

Como CASTILHO, TRAVAGLIA estabelece primeiro o elenco das noções aspectuais para em seguida apresentar o quadro de aspectos do português. Aponta como meios de expressão do

*No decorrer do trabalho, o termo tempo é utilizado em três sentidos: a) tempo: categoria verbal correspondente às épocas passado, presente e futuro; b) tempo flexional: flexão temporal referente aos agrupamentos de flexões da conjugação verbal - presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do subjuntivo, etc.; c) TEMPO: a idéia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase.¹⁷

**O termo situação é usado como um termo geral para processos, estados, eventos, fenômenos, fatos, etc.

aspecto as flexões verbais, as perífrases, o semantema verbal, os adjuntos adverbiais, o tipo oracional, a repetição do verbo, a ênfase entonacional, as preposições e o complemento do verbo. Discute, ainda, a atuação dos afixos e do sujeito na expressão do aspecto. Estabelece também as noções semânticas aspectuais presentes no verbo, verificando se a noção semântica em questão é uma noção temporal não-déitica indicativa da duração da situação ou de uma de suas fases.

A **duração** é a primeira noção semântica aspectual e indica o TEMPO* de desenvolvimento da situação. Pode ser qualificada como **contínua**, quando a situação é apresentada sem nenhuma interrupção no seu tempo de existência, ou **descontínua**, quando a situação se apresenta sofrendo interrupções na sua duração, o que cria a idéia de repetição.

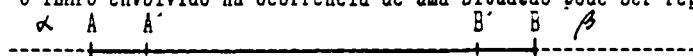
Exemplos:

(25) João ficará estudando até amanhã (duração contínua).

(26) D. Maria passeia todos os dias na praia (duração descontínua).

Ambas as durações podem ser limitadas ou ilimitadas. A primeira ocorre quando se indica o seu início/fim (veja ex. 25 citado acima) ou valor de curta duração, ou quando, mesmo sem nenhuma limitação explícita, a situação é sentida pelo falante

*O TEMPO envolvido na ocorrência de uma situação pode ser representado pelo seguinte gráfico:



O segmento \overline{AB} é a duração da situação, seu tempo de desenvolvimento. $\overline{AA'}$ são os primeiros momentos do desenvolvimento da situação e $\overline{B'B}$ ou últimos momentos de seu desenvolvimento. α é o TEMPO em que a situação ainda é não-comecada e β o TEMPO em que ela é acabada. A extensão dos segmentos em termos absolutos no mundo real não tem importância, pois tudo depende da maneira como o falante concebe a situação e de como deseja apresentá-la.¹²

como de duração finita. Na segunda, os limites da duração da situação não são conhecidos, nem sugeridos, p.ex.:

(27) O clube ficava no topo da colina.

Em oposição à duração, ocorre a **não-duração** ou **pontualidade**, na qual o início e o término da situação acontecem simultaneamente ou separados por um lapso de TEMPO curto, de tal modo que a situação é concebida como pontual.

Exemplo:

(28) Pelé passa a bola para Roberto que chuta e é gol!

Em seguida, TRAVAGLIA passa da duração ao trato das fases da situação, que, do ponto de vista da realização, são três:

a) **por começar**: a situação é apresentada como algo ainda por fazer, por ocorrer, por começar, embora haja ou tenha havido "intenção" ou "certeza" de que haverá de se realizar. Por exemplo:

(29) Fedro está para emoldurar o quadro;

b) **não-acabado** ou **começado**: a situação se apresenta em realização, podendo ser vista de dois ângulos distintos, conforme as oposições que o falante realize. Se ele opuser a fase da situação em realização à fase em que ela é não-começada, diz-se que a situação é **começada**, se opuser à fase em que a situação é acabada, diz-se que a situação é **não-acabada**. Exemplificando:

(30) Os rapazes continuam jogando apesar da chuva.

Em (30), a situação está se realizando. Se o falante tem como referência o término da situação de jogar, a situação se apresenta como **não-acabada**, isto é, os

rapazes estão jogando. Já ao considerá-la **começada**, o falante opõe a situação de jogar à fase em que esta situação não ocorria. isto é, a fase em que os rapazes **não** jogavam. Desse modo, o verbo sublinhado indica apenas que a situação está se desenvolvendo:

c) **acabado**: a situação se apresenta como terminada, concluída, acabada, por exemplo:

(31) Maria leu o livro.

Do ponto de vista do desenvolvimento, as fases da situação se dividem em: **início** (inceptão), **meio** (cursividade) e **fim** (terminatividade). Tem-se, então, a inceptão quando a situação é apresentada como estando em seu ponto de início ou em seus primeiros momentos, ex.:

(32) Os marceneiros estão começando a armar o telhado.

A cursividade se caracteriza pela situação em pleno desenvolvimento, isto é, seus primeiros momentos já passaram e ainda não se chegou ao seu final. Exemplificando:

(33) Estou lendo um livro muito interessante.

Por fim, a terminatividade aparece quando a situação se apresenta em seu ponto de término. Ex.:

(34) Mamãe terminou de bordar minha blusa hoje ao meio dia.

ou em seus últimos momentos, por exemplo:

(35) Espere um momento que estou acabando de arrematar seu vestido.

O último grupo de noções aspectuais ligadas às fases da situação é o de noções caracterizadas pela fase sob o ponto de vista do **complementamento**. Tem-se aí a situação **completa** e a **incompleta**. Na primeira, a situação se mostra em sua

totalidade, ou seja, como um todo indivisível (começo, meio e fim). Por exemplo:

(36) Célia andou indo ao cinema com Elio.

Na segunda, a situação se caracteriza pela incompletude, por exemplo:

(37) Mesmo percebendo notas de desagrado, a conferencista prosseguia expondo seu ponto de vista.

E possível que nenhuma das noções aspectuais apresentadas seja atualizada pelo verbo (aspecto não-atualizado). Nesse caso, o falante se refere apenas à situação em si, sem indicar a categoria de aspecto. Exemplificando:

(38) Talvez José compre o carro de você.

Estabelecidas as noções aspectuais, TRAVAGLIA classifica os aspectos no Português: perfectivo, imperfectivo, durativo, indeterminado, iterativo, habitual, pontual, não-começado, não-acabado ou começado, acabado, inceptivo, cursivo, terminativo e não-aspecto (quadro 3).²⁰

QUADRO 3 - RELACAO ENTRE AS NOCOES ASPECTUAIS E OS ASPECTOS NO PORTUGUES.
SEGUNDO DURACAO E FASES

NOCÕES ASPECTUAIS		ASPECTOS			
I. D U R A C A O	1. Duração	A. Contínua	a. limitada	DURATIVO	
				b. ilimitada	INDETERMINADO
	2. Não-Duração ou Pontualidade	B. Descontínua		a. limitada	ITERATIVO
				b. ilimitada	HABITUAL
					PONTUAL
	II. F A S E S	1. Fases de Realização	A. Por começar		NAO-COMEÇADO
B. Não-Acabado ou Começado				NAO-ACABADO OU COMEÇADO	
C. Acabado				ACABADO	
2. Fases de Desenvolvimento		A. Início (No ponto de início ou nos primeiros momentos)			INCEPTIVO
		B. meio			CURSIVO
		C. Fim (No ponto de termino ou nos últimos momentos)			TERMINATIVO
3. Completamento	A. Completo			PERFECTIVO	
	B. Incompleto			IMPERFECTIVO	
Ausência de Noções aspectuais				ASPECTO NAO-ATUALIZADO	

FONTE: TRAVAGLIA, 1985

O durativo indica situação de duração contínua e limitada, por exemplo:

(39) Ele estava nadando desde às 6 horas da manhã, enquanto o indeterminado indica situação de duração contínua e ilimitada, por exemplo:

(40) A Terra gira em torno do sol.

Nesse caso, a situação não apresenta limites conhecidos ou perceptíveis. O iterativo mostra a situação como de duração descontínua limitada. Exemplo:

(41) Ele me acenou várias vezes,

enquanto o habitual apresenta a situação como de duração descontínua e ilimitada, por exemplo:

(42) Todas as manhãs ele me cumprimenta com um sorriso.

No aspecto pontual, a situação não tem duração. Exemplificando:

(43) Raulzinho pega a bola e atira para Roberto (Dito pelo locutor que irradia um jogo).

O aspecto não-começado mostra a situação na fase anterior ao início de sua realização, ou seja, como algo por começar. Por exemplo:

(44) Pedro está para emoldurar o quadro (= 29).

Entretanto, quando a situação está em realização, ou seja, após o seu momento de início e antes de seu momento de término, tem-se o não-acabado ou começado. Exemplificando:

(45) Minha cabeça tem doído muito.

O aspecto acabado apresenta a situação após seu momento de término, ou seja, como concluída, acabada, terminada. Exemplificando:

(46) Quando eles voltarem, já terei preparado o lanche.

O inceptivo mostra a situação em seu ponto de início ou em seus primeiros momentos. Exemplificando:

(47) Os marceneiros estão começando a armar o telhado.

O cursivo apresenta a situação em pleno desenvolvimento, já iniciada e não tendo atingido o seu final. Exemplo:

(48) José lia um romance, quando sua irmã chegou.

O terminativo apresenta a situação em seus últimos momentos ou em seu momento de término. Por exemplo:

(49) Raquel terminava de escrever a carta quando o telefone tocou.

O perfectivo apresenta a situação completa, isto é, em sua totalidade. Exemplo:

(50) Antônio ouviu música o dia todo.

Em oposição, ocorre o imperfectivo, no qual a situação é incompleta, não havendo o todo da situação, o que resulta na apresentação de apenas uma de suas fases de desenvolvimento, como por exemplo:

(51) Estou escrevendo há dias e começo a sentir-me fatigado.

Finalmente, o não-aspecto se caracteriza pela ausência da noção aspectual na frase, não havendo referência à duração ou às fases da situação. Exemplificando:

(52) Você tem de prestar atenção.

No entanto, essa noção não fica clara no decorrer do trabalho em questão, não sendo explicitados os motivos pelos quais o aspecto não é atualizado na frase. A meu ver, a noção de não-aspecto não faz sentido partindo do pressuposto de que a flexão verbal indica aspecto - perspectiva adotada nesta dissertação.

Embora TRAVAGLIA pondere que as noções aspectuais se combinam para resultar nos aspectos, ele faz apenas uma primeira sistematização dessa relação, tratando a situação tanto do ponto de vista da sua duração quanto das suas fases e vendo, portanto, os aspectos isoladamente. Cada noção corresponde a um aspecto (ver quadro 3), o que significa que

cada forma verbal pode estar marcada apenas para uma, duas ou três dessas distinções. Pode-se, assim, abordar o início (inceptivo) de uma ação descontínua ilimitada (habitual):

(53) Todas as manhãs ele começava a me cumprimentar com um sorriso. (aspectos habitual, começado, inceptivo e imperfectivo)

O autor poderia, a partir da análise das relações de cada aspecto,²¹ estabelecer uma segunda classificação aspectual que sintetizasse as noções convergentes. Também seria importante explicitar os motivos pelos quais um ou outro grupo de distinções aspectuais é atualizado em dada frase.

Quanto às flexões verbais, TRAVAGLIA²² considera que o aspecto é expresso pela flexão temporal, ou seja, vincula os tempos flexionais aos aspectos. Seguindo a classificação dos tempos verbais da gramática tradicional, o autor observa que o presente do indicativo em si marca os aspectos indeterminado, habitual, não-acabado, cursivo e imperfectivo. Em conjunto com outros meios (adjunto adverbial, valor do semantema, etc.), pode apresentar a situação com aspectos como o durativo, pontual, acabado e perfectivo.²³ Exemplificando:

(54) Tenho muitos selos antigos.

No exemplo, temos os aspectos indeterminado, habitual, não-acabado, cursivo e imperfectivo em virtude da flexão verbal. Segundo o autor, apenas alguns desses aspectos podem ser atualizados, caso contrário a classificação é contraditória, pois temos duas noções excludentes na mesma frase, a saber: indeterminado e habitual. O autor também afirma que, em alguns casos, o presente não atualiza nenhum aspecto quando é usado com valor de futuro, por exemplo. Logo, TRAVAGLIA não deixa claro quais são os significados veiculados pela flexão verbal do presente e dos demais tempos.

como veremos a seguir, não conseguindo estabelecer o seu papel na indicação do aspecto, bem como diferenciá-lo na indicação do tempo.

O **pretérito perfeito do indicativo** em si assinala o aspecto perfectivo. Com o auxílio de outros recursos, pode marcar os seguintes aspectos: pontual (com verbos de situação estritamente pontual); durativo (com verbos de estado, pela influência de adjuntos adverbiais, orações adverbiais temporais e pela repetição do verbo); iterativo e habitual (pela influência de adjuntos adverbiais) e acabado (com verbos estáticos e télicos). Exemplo:

(55) Antônio **procurou** você durante a tarde toda.

Neste exemplo, a duração está marcada pelo adjunto adverbial, fato que caracteriza o aspecto durativo juntamente com o aspecto perfectivo.

Já o **pretérito imperfeito do indicativo** expressa os aspectos imperfectivo, durativo, cursivo, habitual e indeterminado. Por exemplo:

(56) Ele **caminhava** pelas ruas, quando teve uma idéia.
(imperfeito, durativo, cursivo, não-acabado)

Os únicos aspectos que o **pretérito mais-que-perfeito** marca em si são o perfectivo e o acabado. Exemplificando:

(57) Rafael **comera** todo o doce. (perfectivo e acabado).

As frases com este tempo só terão outros aspectos por influência de adjuntos adverbiais, do semantema verbal e da repetição do verbo.

Os **futuros do presente e do pretérito e o imperativo** em si não marcam qualquer aspecto, a não ser que ocorra a ação de

outros recursos como as perífrases e os adjuntos adverbiais.

Exemplificando:

(58) **Plantaremos** muitas árvores no quintal.

(59) Eu **serraria** as tábuas para você, se tivesse um serrote.

(60) Comendo assim, você **engordará** .

Ocorre que esses tempos têm um valor modal e se referem ao tempo futuro que atribui à situação uma realização virtual, enfraquecendo as noções aspectuais atualizadas. Já o imperativo não atualiza aspecto, dado a sua função básica de marcar modalidade, bem como seu valor de futuro.

Os tempos flexionais do subjuntivo só indicam aspecto quando têm valor de presente ou de passado e com as modalidades de certeza, possibilidade e probabilidade. Comumente, expressam os aspectos imperfectivo, não-acabado e cursivo. O durativo só é expresso pelos tempos do subjuntivo com o auxílio do semantema. Exemplo:

(61) Espero que ele **tenha** boa educação. (imperfectivo, não-acabado, cursivo e durativo)

O futuro do subjuntivo geralmente expressa esses aspectos com verbos de situação estática, portanto com influência do semantema. O presente e o imperfeito do subjuntivo podem, ainda, expressar o habitual e o indeterminado. Outros aspectos só aparecem pela ação de recursos diferentes das flexões verbais do subjuntivo.

Quanto às formas nominais, o infinitivo em si não marca qualquer aspecto. Por exemplo:

(62) Viemos aqui para **ver** os cachorrinhos.

Entretanto, com o infinitivo de um verbo de situação estática, principalmente de estado, tem-se os aspectos imperfectivo, não-acabado, cursivo e durativo. O **gerúndio** em si também não assinala qualquer aspecto, embora apresente uma tendência para expressão do não-acabado, do cursivo e do durativo. Exemplificando:

(63) Eu não podia (ou poderei) acreditar em tanta maldade, **sabendo** embora que ele não é nenhum santo.

Já o **particípio** marca o aspecto acabado, independente do tempo em que está o verbo da oração principal. Exemplificando:

(64) A notícia **divulgada** pela imprensa chocou a todos.

Para finalizar, TRAVAGLIA trata a relação do aspecto com as categorias verbais voz, modo e tempo (= época), de grande pertinência para este estudo.

Embora o autor considere as categorias tempo e aspecto como categorias de TEMPO e que ambas se expressam muitas vezes pela flexão verbal, TRAVAGLIA estabelece a seguinte distinção:

(....) a categoria de tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse mesmo momento. É uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da situação relativamente à situação da enunciação. Aqui temos uma datação. (....) a categoria de aspecto não é uma categoria dêitica, pois se refere à situação em si. Como diz COMRIE (1976) o aspecto são as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna da situação, sua duração (....).²⁴

Ao discorrer sobre a relação existente entre as categorias verbais tempo e aspecto, TRAVAGLIA retoma a questão

da expressão do aspecto pelas flexões verbais, estabelecendo as seguintes conclusões:²⁵

- a) no tempo presente ou passado, o aspecto se atualiza sem restrição e pela ação de qualquer meio de expressão;
- b) o futuro restringe a atualização dos aspectos e nenhum deles se atualiza neste tempo apenas pela ação da flexão temporal, ocorrendo sempre a ação de perífrases, semantema do verbo, adjuntos adverbiais e a repetição do verbo;
- c) os aspectos imperfectivo e perfectivo só se realizam no futuro, se a situação futura for respectivamente presente ou passada em relação a outra situação futura ou em relação a um momento futuro dado;
- d) o imperfectivo aparece sempre ligado ao tempo presente, que pode ser absoluto ou relativo,* pois se a situação for passada ou futura, tem-se sempre um presente relativo;
- e) o perfectivo se mostra comumente vinculado ao tempo passado, exceto quando junto com o pontual no presente. O passado pode ser absoluto ou relativo e se a situação for futura, tem-se um passado relativo;
- f) o cursivo se atualiza apenas quando ocorre o presente, seja este absoluto ou relativo.

*TRAVAGLIA denomina tempo absoluto àquele estabelecido em relação ao momento da fala e tempo relativo o estabelecido em relação a um tempo absoluto ou em relação ao momento de ocorrência de outra situação da seguinte maneira: sejam as situações A e B, se A é simultânea a B, então A é presente. Se A é anterior a B, então A é passado em relação a B.

Entretanto, isto possivelmente se deve ao fato de que este aspecto só aparece ao lado do imperfectivo.

De acordo com a tradição gramatical, pondera que, no português, a categoria tempo é predominante no paradigma da conjugação verbal, mas estabelece que há, pelo menos, uma distinção de base aspectual: pretérito perfeito (aspecto perfectivo + tempo passado) e pretérito imperfectivo (aspecto imperfectivo + tempo passado). O autor considera que as possibilidades de expressão do aspecto são maiores entre os tempos flexionais do passado e que o aspecto aflora com maior clareza nos tempos do indicativo.²⁶

Mesmo fazendo uma distinção teórica entre as categorias tempo e aspecto, TRAVAGLIA não é incisivo sobre o papel dos chamados tempos flexionais: afirma que esses expressam determinados aspectos, mas não define seu papel na expressão do TEMPO. O tempo, para ele, é uma categoria verbal que corresponde às épocas presente, passado e futuro, enquanto os tempos flexionais se referem aos agrupamentos de flexões da conjugação verbal, na gramática tradicional entendida como a categoria tempo. É exemplo dessa distinção:²⁷

(65) Amanhã irei a Santos

tempo: futuro

tempo flexional: futuro do presente

(66) Amanhã vou a Santos

tempo: futuro

tempo flexional: presente do indicativo

TRAVAGLIA não esclarece quais os elementos que interagem para a expressão do tempo. Portanto, não explicita se apenas a flexão indica TEMPO (a distinção entre tempo X tempo flexional permite depreender que não só a flexão indica

TEMPO), ou se o advérbio tem essa função, ou, ainda, se ambos expressam a categoria tempo.

Tanto para CASTILHO quanto para TRAVAGLIA, o aspecto se atualiza no verbo e é influenciado por outros elementos. Esses autores não realizam a mesma análise do aspecto em português, mas se utilizam, aparentemente, da mesma matriz teórica, pois ambos partem de noções semânticas para, posteriormente, estabelecerem sua gramaticalização.

Quanto à flexão verbal, CASTILHO a considera indeterminada, destacando que, em alguns casos, a noção aspectual "parece" concentrar-se na flexão. Assim, o autor adota a classificação tradicional dos tempos verbais (flexão = modo - temporal). TRAVAGLIA, no entanto, pondera que a flexão temporal indica aspecto, vinculando tempos flexionais a ele. Mas os autores não estabelecem uma contraparte morfo-sintática clara na indicação do aspecto, o que torna confusa a distinção tempo/aspecto.

Nessa perspectiva, o aspecto passa a ser um conjunto de coisas diferentes. Observamos que, às vezes, o aspecto pode ser expresso pela flexão e outras vezes não, bem como ora a flexão indica tempo, ora indica tempo e aspecto, não ficando delimitada sua função. Também notamos que os verbos e os adjuntos adverbiais, por exemplo, indicam aspecto, mas nem sempre o mesmo. Logo, os autores poderiam estabelecer uma combinatória dos vários fatores que concorrem para a obtenção dos aspectos, especificando o papel de cada um. Como os exemplos apresentados apenas abordam um dos pontos, é necessário um exemplo "matriz" no qual todos os fatores - identificados individualmente - se combinariam para produzir o aspecto final em questão.

4 A ANALISE DE MATEUS ET AL

Com o pressuposto de que as línguas naturais são instrumentos utilizados pelos falantes com objetivos comunicativos, MATEUS et al²⁸ analisam os mecanismos e processos - de natureza lógico-semântica e pragmática - que permitem a comunicação e a interação verbal.

Para os autores, a localização do estado de coisas descrito por um predicador* relativamente ao momento da enunciação tem a sua expressão lingüística na categoria tempo, que está gramaticalizada nos tempos verbais e se exprime igualmente através de advérbios temporais e de conectores frásicos de valor temporal. No português, os tempos naturais são o presente, o passado e o futuro. O presente exprime a simultaneidade do intervalo de tempo** em que ocorre o estado de coisas descrito com o intervalo da enunciação, sendo expresso, em geral, pelo presente do indicativo simples ou perifrástico (verbo ir no presente + verbo no infinitivo) e, em certos casos, pelo futuro do indicativo. Exemplificando:

*O predicador pode pertencer à classe dos estados (Pe) (p.ex., (1) Maria está sentada e (2) O Museu Paranaense fica em Curitiba), eventos (Pev) (p. ex., (3) Marta escreveu um livro, e processos (Proc) (p.ex., (4) Margareth dirigiu o Gol todo o dia). Se as entidades envolvidas em (1) e (2) (Maria, O Museu Paranaense e Curitiba, respectivamente), não sofrem qualquer alteração ou transição durante o intervalo de tempo em que tais coisas têm lugar, tem-se estados ([- Dinâmico]). Já quando pelo menos uma das entidades envolvidas realiza ou sofre um dado "fazer" (de natureza física, fisiológica ou psíquica), mudando eventualmente de lugar ou estado, tem-se a classe dos eventos. Os processos exprimem um dado específico " Ψ ", realizado ou sofrido por uma entidade "x" e delimitado por dois eventos: (x) começar a " Ψ " e (x) acabar " Ψ ". Exemplificando: As árvores balançaram com o vento.²⁹

**Denomina-se intervalo de tempo o espaço delimitado entre dois pontos de referência (t₁ e t₂).

(67) O que estás a fazer? Como um gelado. (gelado = sorvete)

O passado expressa a anterioridade do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito em relação ao momento da enunciação. Este tempo é expresso, em geral, pelo pretérito perfeito ou imperfeito do indicativo. Exemplo.

(68) A Ana telefonou ontem para o João.

Já o futuro exprime a posterioridade do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito relativamente ao momento da enunciação. Este tempo é expresso pelo presente ou futuro do indicativo, pelo futuro do conjuntivo (= subjuntivo), imperativo ou pelo presente do conjuntivo (= subjuntivo). Exemplificando:

(69) Eles chegarão a Paris amanhã à noite.

MATEUS et al consideram que a categoria tempo se expressa pelos tempos verbais. Assim, no exemplo (68) o verbo indica que a situação descrita é anterior ao momento da enunciação, caracterizando o passado, e o advérbio delimita, nesse intervalo de tempo (passado), um subintervalo *ontem* no qual ocorreu *A Ana telefonar para o João*.

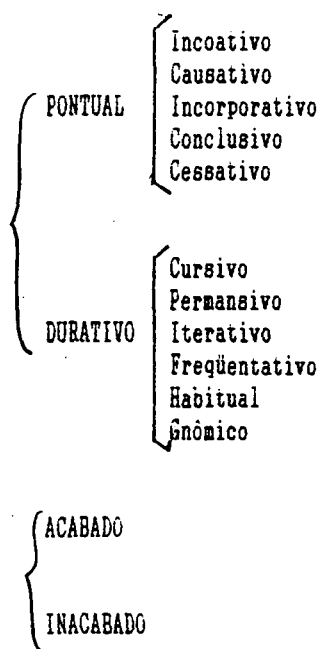
MATEUS et al chamam aspecto à

(....) categoria que exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressão de uma língua natural, (i) por selecção de um predicador pertencente a uma dada classe, (ii) por quantificação do intervalo de tempo em que o estado de coisas descrito está localizado, e/ou (iii) por referência à fronteira inicial ou final desse intervalo, ou à intervalos adjacentes.³⁰

O valor aspectual de um dado enunciado resulta da classe aspectual a que pertence o predicador que nele ocorre e

da sua forma aspectual. As distinções aspectuais são expressas pelas formas verbais (estudou, estudava, tem estudado, estuda, entre outras) ou construções perifrásticas em que uma forma flexionada de uma variante aspectual de **ser** ou **estar** é seguida de infinitivo (começou a estudar, deixou de fumar, entre outras) e por certas classes de advérbios temporais (sempre, raramente, já, ainda, entre outros).

Recorrendo ao conceito de intervalo de tempo, os autores apresentam, no seguinte esquema, a sistematização dos valores aspectuais.³¹



O valor aspectual pontual caracteriza enunciados que descrevem eventos: a duração dos eventos é a do momento ou do intervalo de tempo (it) de curta duração em que ocorre a mudança de estado ou transição sofrida por uma dada entidade, podendo assumir um dos seguintes valores:³²

- a) **incoativo**: passagem de um dado estado (-p) para outro estado (p). E este valor expresso por um grande número de P.v. transicionais, geralmente

chamados verbos incoativos: amanhecer, embranquecer, morrer, etc.. Exemplificando:

(70) O dia amanheceu com muito sol.

(71) João nasceu às cinco horas da manhã;

b) **causativo** ou **resultativo**: uma dada entidade x determina a passagem de uma entidade y de um estado (-p) para outro estado (p). Os P.v causativos (como matar, construir, etc.) exprimem este valor aspectual. Por exemplo:

(72) Os ditadores mataram muitas pessoas:

c) **inceptivo**: um estado de coisas (p) localizado num dado I_t e diferente do que ocorrera no I_t' anterior adjacente a I_t (p) é apresentado como começando a ocorrer em I_t . Por exemplo:

(73) Ele começou a almoçar às duas horas.

Outros verbos que exprimem este valor aspectual são **iniciar e partir**;

d) **conclusivo**. um estado de coisas (p) localizado num dado I_t e diferente do que ocorrerá no I_t' posterior adjacente a I_t (p) é apresentado do ponto de vista do término da sua ocorrência em I_t . Exemplo:

(74) Marcos acabou de comer o sanduíche.

Chegar, concluir e terminar também exprimem este valor aspectual;

e) **cessativo**: passagem de um estado de coisas (p) que ocorrera no I_t' anterior adjacente a I_t para outro estado (-p) que não ocorre em I_t ; como por exemplo:

(75) João deixou de fumar.

(deixar de + verbo no infinitivo)

(76) João já não estuda.

(já não p, em que p tenha um valor aspectual freqüentativo ou habitual)

Já o valor aspectual **durativo** caracteriza enunciados que descrevem estados ou processos. Este valor aspectual pode assumir um dos seguintes valores:

a) **cursivo**: um estado de coisas (p), localizado num dado I_t , é apresentado como estando em curso em I_t .

Exemplificando:

(77) João está a estudar;

b) **permansivo**: um estado de coisas (p), localizado num dado I_t , ocorrerá também no I_t' anterior adjacente a I_t . Por exemplo:

(78) João continua a mamar.

Este valor aspectual é expresso por P_e como **conservar** e **manter** e em estruturas do tipo **continuar a + verbo** no infinitivo;

c) **iterativo**: um estado de coisas (p), localizado num dado I_t , ocorre n vezes nesse I_t . Este valor aspectual é expresso por estruturas do tipo **andar a + adjetivo, andar a + verbo** no infinitivo e por verbos com sufixo **itar**: **saltitar, dormirar, etc**;

d) **freqüentativo**: um estado de coisas (p), localizado num dado I_t , ocorre um número significativo de vezes em I_t , em intervalos anteriores a I_t . O presente simples e adverbiais freqüenciais como **muitas vezes** e **freqüentemente** exprimem este valor aspectual.

Exemplos:

(79) João estuda.

(80) Marcos almoça freqüentemente no restaurante vegetariano.

e) **habitual**: um estado de coisas (p), localizado num dado I_t , ocorre em I_t , em intervalos anteriores adjacentes a I_t e, presumivelmente, em intervalos posteriores adjacentes a I_t , apresentando-se como comportamento ou característica habitual de um dos participantes no estado de coisas descrito e nos intervalos em questão. Por exemplo:

(81) João costuma estudar.

Construções como **costumar**, **ser costume p**, **ser habitual p** e o presente simples exprimem este valor aspectual;

f) **gnômico**: um estado de coisas (p), localizado num dado I_t , ocorre em todos os subintervalos de I_t . Por exemplo:

(82) João estuda (= João é estudante),

(83) A terra gira à volta do sol.

Para concluir, o valor aspectual pode ser acabado ou inacabado:

a) **acabado**: a descrição de um estado de coisas (p), localizado num dado I_t , tem como ponto de referência a fronteira final de I_t . O passado perfeito, já e já não exprimem este valor aspectual:

(84) Luís estudou até tarde.

(85) Já bebi o suco de laranja;

b) **inacabado**: a descrição de um estado de coisas (p), localizado num dado I_t , tem como ponto de referência um m_t interno a I_t . O passado imperfeito e o

pretérito composto, assim como **ainda e ainda não**,
 exprimem este valor aspectual:

(86) Luís estudava até tarde.

(87) Ainda não bebi o suco de laranja.

A distinção entre tempo e aspecto de MATEUS et al se aproxima da estabelecida por COMRIE ao tratar aspecto como a constituição temporal interna da situação e tempo como categoria dêitica que indica o momento da situação descrita em relação ao momento da enunciação. Apesar disso, a análise não trata a expressão do tempo em sentenças sem advérbios temporais, evitando a discussão do papel da flexão verbal na distinção tempo/aspecto. As formas verbais, então, indicam as duas categorias, postura similar à de TRAVAGLIA.

Ao estudarem praticamente os mesmos meios de expressão do aspecto, MATEUS et al, CASTILHO e TRAVAGLIA abordam esses fatos a partir dos mesmos dados, usando instrumentos de análise similares e chegando a conclusões semelhantes, o que evidencia a adoção de uma única perspectiva. Os autores estabelecem, a princípio, os valores aspectuais para depois caracterizarem cada aspecto e descreverem os recursos morfo-sintáticos utilizados na sua expressão. Logo, tem a onomasiologia como método: o estudo das formas a partir dos conceitos.

Tanto CASTILHO como TRAVAGLIA afirmam que um conjunto de fatores interagem na indicação do aspecto. Contudo, descrevem cada fator isoladamente, não os relacionando com o todo. A análise é, então, problemática por não visualizar o papel específico de cada forma na expressão global da categoria aspecto. Nessa instância, os autores não delimitam o

papel da flexão verbal, ora a consideram indeterminada como CASTILHO, ora indicativa de tempo e aspecto como TRAVAGLIA ou, ainda, não a discutem como em MATEUS et al.

CASTILHO afirma que, quando um verbo télico exprime duração, a flexão temporal é responsável pelo aspecto resultante - "Debrucada sobre o lar, a mulher deitava um feixe de sementes sobre as brasas (...)". O caráter durativo conferido pelo imperfeito ao verbo deitar, no caso citado, sugere a imobilização do gesto de lancar lenha ao fogo.³³ Com isso, o autor sugere que a flexão verbal indica aspecto, apesar de considerar apenas a tendência aspectual dos tempos. Por outro lado, TRAVAGLIA tenta estabelecer valores para a flexão verbal. Só que, ao não delimitar um significado específico para a flexão, os valores flexionais são somados aos outros recursos indicativos de aspecto na sentença, não ficando claro o papel de cada um.

Para TRAVAGLIA, o tempo predomina no paradigma da conjugação verbal do português. Apesar disso, atenta para a distinção de base aspectual entre o pretérito perfeito (perfectivo + passado) e o pretérito imperfeito do indicativo (imperfectivo + passado). Já quanto à relação entre tempo e aspecto afirma que:

- a) o imperfectivo aparece sempre ligado ao tempo presente que pode ser absoluto ou relativo,* pois, se a situação for passada ou futura, teremos sempre um presente relativo;
- b) o perfectivo aparece sempre ligado ao tempo passado, exceto quando junto com o pontual no presente. O passado pode ser absoluto ou relativo, pois, se a situação for futura, teremos sempre um passado relativo.³⁴

*TRAVAGLIA chama de tempo absoluto aquele estabelecido em relação ao momento da fala e denomina tempo relativo o estabelecido em relação a um tempo absoluto ou em relação ao momento de ocorrência de outra situação da seguinte maneira: sejam as situações A e B. Se A é simultânea a B então A é presente a B. Se A é anterior a B então A é passado em relação a B.³⁵

Os trabalhos de CASTILHO e TRAVAGLIA apresentam uma descrição detalhada e completa sobre o aspecto no português, destacando seus vários meios de expressão e utilizando a Onomasiologia como método de trabalho. Em oposição à perspectiva desses autores, para BACK & MATTOS,³⁶ a língua portuguesa marca aspecto pelas flexões do verbo, enquanto o tempo ou vem marcado pelo contexto ou pelos advérbios. Portanto, BACK & MATTOS usam a Semasiologia como método: dada uma forma busca-se saber quais as noções aspectuais (significados) que ela pode expressar ou que nela podem estar presentes.³⁷ Essa suposição teórica é apresentada no próximo capítulo e fundamenta a análise desenvolvida no capítulo III.

NOTAS DE REFERENCIA

¹CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da língua portuguesa. 28 ed.. São Paulo: Nacional, 1985. 161p.

²COMRIE, Bernard. Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. London, Cambridge University Press, 1976. 142p.

³____, p.1.

⁴____, p.9.

⁵____, p.9.

⁶____, p.9.

⁷CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 2.ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 714p.

⁸____, p.370.

⁹____, p.370.

¹⁰____, p.376.

¹¹CASTILHO, Ataliba T. de. Introdução ao aspecto verbal na língua portuguesa. Marília, 1968. 133p. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.

¹²____, p.41

¹³____, p.49.

¹⁴____, p.51.

¹⁵____, p.109.

¹⁶TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão. Ed. revisada. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985. 352p.

¹⁷____, p.51.

¹⁸____, p.53.

¹⁹____, p.55-56.

²⁰____, p.97.

²¹____, p.117-139

²²____, p.147-199.

²³____, p.151.

²⁴____, p.52.

²⁵____, p.312-313.

²⁶____, p.147.

²⁷____, p.51.

568p. ²⁸MATEUS, Maria Helena.M. et al.. Gramática da língua portuguesa. Coimbra: Almedina, 1983.

²⁹____, p.47-51.

³⁰____, p.125.

³¹____, p.133.

³²____, p.134-136.

³³CASTILHO, p.73.

³⁴TRAVAGLIA, p.312.

³⁵TRAVAGLIA, p.312.

³⁶BACK, Eurico & MATTOS, Geraldo. Gramática construtural da língua portuguesa. 1.ed. São Paulo: FTD, 1972. 2v.

³⁷TRAVAGLIA, p.24.

CAPITULO II

CARACTERIZAÇÃO DO ASPECTO

1 A INTERPRETAÇÃO DE COROA

A partir de REICHENBACH,¹ os estudos sobre os tempos verbais na literatura lingüística têm tomado como referência três pontos temporais, a saber: momento do evento, momento de fala e momento de referência, que servem de apoio ou limite para sua definição.

Lingüistas modernos vêm partindo desses conceitos para caracterizar os tempos verbais de várias línguas (ver, por exemplo, HORNSTEIN (1977)² e WACHTEL (1982).³ Entre eles, tem-se para o português, os estudos de ILARI (1981)⁴ e COROA (1985).⁵

Para REICHENBACH, a "interpretação temporal" de uma oração é um procedimento ordenado, que visa a relativizar a momentos ou períodos as informações veiculadas pela própria oração. Segundo essa hipótese, a interpretação leva em conta três momentos estruturalmente relevantes:

- . o momento da fala (MF)
- . o momento do evento (ME)
- . o momento de referência (MR)

Compreende-se por MF o momento da realização da fala; o momento em que se faz a enunciação sobre o evento (processo ou ação) descrito; é o tempo da comunicação. ME é o momento em que ocorre o evento descrito; é o tempo da predicacão. Por fim, MR é o tempo da referência; o sistema temporal fixo que possibilita a definição de simultaneidade e anterioridade.

Portanto, é a perspectiva do tempo relevante que o falante transmite ao ouvinte para a contemplação do ME. Essa interpretação consiste em determinar se:

- . MR é anterior, simultâneo ou posterior a MF;
- . ME é anterior, simultâneo ou posterior a MR.

REICHENBACH descreve os tempos verbais da língua inglesa a partir desses três pontos temporais - ME, MF e MR - que servem de apoio, ou limite, para sua definição:⁶

ESTRUTURA	NOVO NOME	NOME TRADICIONAL
E-R-S	Anterior past	Past perfect
E,R-S	Simple past	Simple past
R-E-S } R-S,E } R-S-E }	Posterior past	
E-S,E	Anterior present	Present perfect
S,R,E	Simple present	Present
S,R-E	Posterior present	Simple future
S-E-R } S,E-R } E-S-R }	Anterior future	Future perfect
S-R,E	Simple future	Simple future
S-R-E	Posterior future	

Nessa representação, E, R, e S significam, respectivamente, momento do evento, ponto de referência e momento da fala (do inglês event, reference e speech); os traços significam precedência ou anterioridade temporal e as vírgulas, simultaneidade. O autor reconhece que a totalidade de combinações matematicamente possível desse pontos nunca ocorre em uma língua natural. Exemplo disso é o inglês que, dentre treze possibilidades, faz uso de apenas seis.

traduzidas pelos radicais e perífrases verbais - noções essas que são do domínio dos modos de ação.

Apoiando-se na análise de GOLDSMITH & WOISETSCHLAEGER⁹ para as formas progressivas do inglês - na qual os autores postulam um construto teórico para a interpretação do aspecto: o **sub-evento** -, CORÔA interpreta o aspecto através da quantificação dos sub-eventos de um evento. Exemplo:¹⁰

(88) José arquivava as cartas.

(89) José arquivou as cartas.

Segundo a autora, o exemplo (89) implica que todos - inclusive o último - sub-eventos do evento em questão, "arquivar as cartas", já ocorreram, o que caracteriza sua completude: aspecto perfectivo. Por sua vez, (88) não implica essa completude, pois mostra que o evento ainda está em desenvolvimento: aspecto imperfectivo. A diferença fundamental entre (88) e (89) é que no perfectivo todos os sub-eventos estão incluídos no espaço de tempo em questão, enquanto no imperfectivo é possível que um sub-evento - ou mais de um - não esteja em um dado tempo (t): fica aberta a possibilidade de a ação ter começado ou não dentro do intervalo de tempo especificado, (t).¹¹

Em suma, para COROA a duração não é marca relevante de aspecto (momentâneo x durativo), mas sim o perfectivo (concluso) e o imperfectivo (inconcluso). COROA também aborda a oposição imperfectivo/perfectivo nas formas compostas, por exemplo: **trabalha/está trabalhando, trabalhava/estava trabalhando, sai/está saindo**, entre outras, definida em termos da dicotomia estrutura vs. comportamento sugerida por WOISETSCHLAEGER.¹²

COROA retoma o debate sobre as categorias tempo, aspecto e modo propondo uma perspectiva nova para o tratamento da interpretação semântica dos tempos verbais. Apesar de a autora trazer uma contribuição real para a lingüística portuguesa enquanto discussão teórica da questão, sua proposta se mantém tradicional na descrição dos tempos verbais: considera que o tempo é indicado pela flexão verbal, apresentando as limitações já apontadas nesta dissertação, além das resultantes da perspectiva de REICHENBACH.

Ao analisar os morfemas de tempo do indicativo segundo REICHENBACH, ILARI¹³ levanta algumas questões problemáticas que necessitam de maior aprofundamento em outros estudos.

Segundo ele,

(...) se tentássemos precisar as relações cronológicas que intercorrem entre MF, MR e ME para cada um dos "tempos" do indicativo, levando em conta apenas o que a tradição gramatical reconhece como "valores básicos", chegaríamos a algo parecido com o seguinte quadro:

Presente	MF = MR = ME
Imperfeito	MF <= MR = ME
Perfeito	MF = MR <= ME (ou MF <= MR = ME)
Futuro	MF = MR =>ME (ou MF <= MR = ME)
Futuro do pretérito	MF <= MR ; ME <= MR
Mais-que-perfeito	MR =>MF ; ME => MR

Esse quadro é enganosamente simples. Os fatos o desmentem tão logo incluimos as determinações acrescentadas pelos adjuntos e pelas construções perifrásticas (...); outro fator de complexidade é a possibilidade de a oração derivar parte de sua interpretação do contexto lingüístico e não-lingüístico.¹⁴ (sem grifo no original)

ILARI também discorre, sem o intuito de apresentar uma solução, sobre a ambigüidade de aplicação do adjunto ora a ME, ora a MR, o que afeta todos os tempos verbais para os quais ME e MR são evidentemente distintos, a derivação contextual do MR, as perífrases de tempo, entre outros. Quanto à derivação

contextual do MR, menciona que (...) são freqüentes os casos em que os dados relevantes vão ser procurados além dos limites da oração. É comum funcionarem como MR eventos que são objeto de referência em orações ou períodos vizinhos.¹⁵

Vale a pena, no entanto, destacar alguns pontos da proposta de CORÔA que serão aproveitados adiante:

- a) a noção de aspecto - que leva em consideração o tempo inerente ao evento (o tempo necessário ao seu desenvolvimento), sem relacioná-lo à enunciação. Já o tempo associa o evento, como um todo, ao momento em que é enunciado e a um momento de referência;
- b) a restrição da noção de aspecto à oposição imperfectivo/perfectivo;
- c) o reconhecimento de que entre os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo há uma diferença de natureza aspectual;
- d) a conclusão de que os tempos presente e imperfeito do indicativo são imperfectivos quanto ao aspecto, tendo como ponto comum não expressar os limites do evento.

2 TEMPO E ASPECTO

Tradicionalmente, nas tentativas de tratamento do tempo em português, busca-se relacionar os valores temporais à flexão verbal. Embora se reconheça que as flexões verbais denotam também, cumulativamente, modo e aspecto, o destaque é dado à relação entre as formas flexionais e os vários valores do tempo. BORGES NETO* retoma essa problemática discutindo as seguintes sentenças.

(90) João chegou.

Na perspectiva tradicional, há um fato (a chegada de João): esse fato ocorre num determinado momento j ; e o momento j localiza-se na porção do contínuo temporal que antecede o momento da fala i ($j < i$). Em outras palavras, a chegada de João se dá num momento anterior ao momento em que o falante diz "João chegou" e, portanto, o tempo de (88) é passado. Ainda, o recurso lingüístico que revela essa localização temporal do fato é a flexão verbal (pretérito perfeito). Compare-se (90) com (91).

(91) João chegará.

A mudança do morfema flexional modo-temporal no verbo "chegar" implica em mudança na localização temporal do fato. Em (91), o fato é futuro, ou seja, seu momento de ocorrência é posterior ao momento da fala.

*Os exemplos são basicamente de Borges Neto, em trabalho não-publicado.

Na medida em que a flexão indica tempo, a relação entre a flexão verbal e os advérbios de tempo dêiticos pode ser um bom lugar de prova pela presença de possíveis restrições de concorrência. Vejamos.

- (92) a) João chegou ontem.
 b) João chegou hoje.
 c) *João chegou amanhã.
- (93) a) *João chegará ontem.
 b) João chegará hoje.
 c) João chegará amanhã.

Note-se que "chegou", enquanto forma indicativa de passado, é compatível com "ontem" e incompatível com "amanhã". Por outro lado, "chegarà", que é futuro, é compatível com "amanhã" e incompatível com "ontem". Note-se também que "hoje" designa um intervalo de tempo que, contendo o momento da fala, não se identifica com ele. Assim, em (92b), temos a localização da chegada de João no intervalo de tempo designado por "hoje", mas num momento que antecede o momento da fala. (93b), por outro lado, localiza o fato num momento posterior ao momento da fala, mas ainda no interior do intervalo delimitado por "hoje".

A relação entre as formas flexionais e os advérbios de tempo, com suas restrições de co-ocorrência, pode, assim, ser vista como um bom argumento em favor da perspectiva tradicional.

É fácil mostrar, no entanto, que esse tratamento tradicional conduz a uma série de paradoxos, seja no nível dos próprios fatos, seja no nível do tratamento formal dos fatos.

Comecemos com alguns fatos incômodos para a perspectiva tradicional.

(94) FALANTE A: Precisamos fazer a mudança antes de João chegar.

FALANTE B: Que tal fazermos a mudança amanhã?

FALANTE A: Amanhã não dá. **Amanhã João chegou.**

A parte grifada no diálogo é, certamente, perturbadora. Não só temos a chegada de João localizada no futuro - apesar da flexão verbal indicar passado - como temos a co-ocorrência do advérbio temporal "amanhã" junto de "João chegou".

Não é difícil achar outros casos. Imagine a seguinte fala de um professor diante da classe:

(95) Amanhã teremos prova. Fiquem todos sabendo: **colou, dou zero.**

ou a seguinte sentença dita por um adulto para uma criança que diz estar com saudade do pai:

(96) Não fique triste. Quando você chegar em casa, o **papai já chegou.**

São todos casos em que o momento de ocorrência do fato é posterior ao momento da fala e, portanto, futuro. Em todos eles, no entanto, a flexão verbal indicaria passado.

É interessante observar que temos também casos em que a sentença possui verbo flexionado no futuro do presente mas com localização do fato no passado, isto é, com o momento da ocorrência antecedendo o momento da fala. Observe-se (97):

(97) O livro foi publicado em 1940. Esgotada a primeira edição, uma segunda edição **será** recebida pelo público com alegria em 1941.

Após discutir alguns casos mais complexos, BORGES NETO conclui que a língua portuguesa não possui marcas específicas para os valores temporais. Os exemplos vistos mostram que a relação entre o fato e o momento da fala (tempo) deve ser dada contextualmente. Com isso, o autor se opõe à tradição considerando que as flexões verbais não servem de indicadores temporais, nem indicam a localização do fato com relação ao momento da fala.

Em seguida, BORGES NETO busca explicação para o papel das flexões verbais no português. Segundo ele, encontramos em BACK & MATTOS¹⁶ uma análise do verbo em português que revela uma interessante intuição sobre o papel semântico das formas flexionadas "modo-temporais".¹⁷ Para eles, o morfema modo-temporal, que eles denominam de "morfema de aspecto", é responsável, cumulativamente, por três "semias" distintas, cada uma com dois valores: **acabamento** (com os valores "PERFEITO" e "IMPERFEITO"), **possibilidade** (com os valores "próximo" e "remoto") e **eventualidade** (com os valores "indicativo" e "subjuntivo"). BACK & MATTOS prevêem uma combinatória dessas três "semias" de modo a obter o "significado" de cada um dos morfemas "modo-temporais".

Ignorando o conjunto da análise de BACK & MATTOS e ignorando as "semias" de possibilidade e eventualidade, que parecem ser ligadas ao que se chama tradicionalmente de modo, parece-me que a classificação das formas flexionadas a partir da "semia" de acabamento obtida pela análise de BACK & MATTOS pode ser útil na análise do aspecto em português.

3 A PERSPECTIVA DE BACK & MATTOS

Diferentemente da GT, na qual a flexão verbal é vista como marca de tempo e modo, de CASTILHO, em que não se atribui um papel semântico determinado às flexões verbais, de TRAVAGLIA e de MIRA MATEUS et al, nos quais se considera que elas expressam tempo e aspecto e de COROA que não discute os meios de expressão da noção temporal em português, BACK & MATTOS, de uma perspectiva estruturalista, tratam o aspecto como a contrapartida semântica de um conjunto de marcas morfológicas no português, considerando a flexão verbal indicativa de aspecto e modo.*

Para eles, há um conjunto de morfemas de aspecto¹⁸ e cada um deles corresponde a um significado aspectual, a saber:**

a) presente do indicativo:

Por exemplo: falo/Ø em todas as conjugações

b) pretérito imperfeito:

Por exemplo: fala/va na 1ª conjugação

ped/ia na 2ª/3ª conjugação

*A informação de que a flexão indica modo foi obtida em conversa com MATTOS, não constando no trabalho em questão.

**Usaremos os termos da teoria gramatical tradicional para nos referirmos aos morfemas de aspecto (tempo na gramática tradicional), embora BACK & MATTOS façam uso de uma terminologia nova. Por exemplo, continuaremos chamando de presente do indicativo o morfema de aspecto da forma canta, embora BACK & MATTOS deem-lhe a designação de descriptivo próximo.

c) pretérito perfeito:

Por exemplo: fal/ei na 1ª pes. sing. da 1ª conj.

ped/i na 1ª sing. da 2ª/3ª conj.

fala/ste na 2ª pes. sing. e plural

falamos/0 na 1ª pes. do plural

fala/ram na 3ª pes. do plural

d) pretérito mais-que-perfeito:

Por exemplo: fala/ra em todas as pessoas

e) presente do subjuntivo:

Por exemplo: fal/e na 1ª conjugação.

peç/a 2ª/3ª conjugação.

f) pretérito perfeito do subjuntivo:

Por exemplo: fala/sse em todas as pessoas

g) futuro do subjuntivo:

Por exemplo: fala/r em todas as pessoas

h) formais nominais:

Por exemplo: fala/r infinitivo

falan/do gerúndio

fala/do participio

Para BACK & MATTOS, o português apresenta apenas o aspecto acabamento (IMPERFEITO e PERFEITO) e dois modos: possibilidade (próximo e remoto) e eventualidade (indicativo e subjuntivo).

Especificamente, o IMPERFEITO assinala o fato inacabado que se processa (durativo), se repete (freqüentativo) ou vai se processar ainda (inceptivo). São exemplos:

(98) **Jantamos** sempre em casa - freqüentativo

(99) **Jantamos** daqui a pouco - inceptivo

(100) **Tenho** dinheiro no banco - durativo

Já o PERFEITO indica o fato acabado que pode ser anterior, simultâneo ou posterior ao diálogo. Exemplo:

(101) Pedro **chegou** ontem - PERFEITO, anterior ao diálogo.

(102) Pedro **chegou** agora - PERFEITO, simultâneo ao diálogo.

(103) Amanhã, Pedro **chegou** - PERFEITO, posterior ao diálogo.

Da perspectiva do falante, o próximo sugere o fato possível (asserção positiva), e o remoto, o fato impossível (asserção negativa). Conforme a situação, o fato possível pode ser interpretado como real, certo ou provável, e o fato impossível, como irreal, incerto ou improvável. Exemplificando:

(104) Se puder, **subo** amanhã para Petrópolis.

(105) Se pudesse, **subia** amanhã para Petrópolis.

Na primeira frase, os fatos (a possibilidade e a subida) são vistos como certos ou prováveis (modo próximo). Já na segunda, ambos os fatos se manifestam como incertos ou improváveis (modo remoto). Outro exemplo é o da relação de favor:

(106) Você **pode** me ver um copo d'água?

(107) Você **poderia** me ver um copo d'água?

Em (107) a ação do provedor é valorizada pelo falante: é uma ação improvável (remoto) e realizá-la implica maior esforço. A utilização da forma **poderia** é sentida pelos falantes como "mais gentil". Já em (106), a ação do provedor é vista como certa, isto é, como um ato possível de ser executado (próximo). É importante destacar que o fato é possível ou impossível na perspectiva do falante, ou seja,

trata-se de uma escolha do falante considerar o fato sob várias perspectivas. Outra questão pertinente, ainda, é que a língua (sistema) prevê formas específicas que marcam a escolha feita pelo falante.

Quanto à eventualidade, o indicativo se refere a fatos que podem ser realizados, e o subjuntivo, a fatos irrealizados, por exemplo:

(108) Não parece que **seja** coisa grave.

(109) Não parece que **é** coisa grave (mas é).

No primeiro exemplo, a forma verbal **seja** está no subjuntivo, indicando um fato irrealizado, ou seja, o fato de ser coisa grave é irrealizado, porque não é coisa grave. Já no segundo, a forma verbal **é** aponta um fato realizado, ou seja, o fato de ser coisa grave impõe o indicativo.

Ao partir da combinação dos significados expressos pela flexão verbal - acabamento, possibilidade e eventualidade - BACK & MATTOS classificam o sistema modo-aspectual do Português (quadro 4).¹⁶

QUADRO 4 - SISTEMA MODO-ASPECTUAL DO PORTUGUES

DENOMINACAO DA GRAMATICA TRADICIONAL	ACABADO	POSSIVEL	EVENTUAL	DENOMINACAO DE BACK & MATTOS*
Presente do indicativo	-	+	-	descritivo próximo
Pretérito imperfeito do indicativo	-	-	-	descritivo remoto
Infinitivo: pessoal e impessoal	-	±	±	descritivo frasal
Presente do subjuntivo	-	+	+	imperativo próximo
Imperfeito do subjuntivo**	-	-	+	imperativo remoto
Gerúndio	-	±	±	imperativo frasal
Futuro do subjuntivo	+	+	+	promissivo próximo
Imperfeito do subjuntivo	+	-	+	promissivo remoto
Gerúndio	+	±	±	promissivo frasal
Pretérito perfeito do indicativo	+	+	-	narrativo próximo
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	+	-	-	narrativo remoto
Particípio	+	±	±	narrativo frasal

FONTE: BACK & MATTOS, 1972

*Os termos descritivo e narrativo são a denominação utilizada pelos autores para as formas flexionais.

**Os autores identificam, por razões semânticas, duas formas homófonas e homógrafas para o pretérito imperfeito do subjuntivo (viesses1 e viesse2) e gerúndio (massacrando1 e massa-crando2).

Tomando a forma verbal falar, o falante pode escolher, através do sufixo modo-aspectual utilizado, entre acabado e inacabado (aspecto), absoluto ou eventual (modo), próximo e remoto (modo). Ao escolher inacabado, absoluto e próximo, os esquemas são os seguintes:²⁰

Inacabado:	falo	Absoluto:	falo	Próximo:	falo
	falava		falava		
	fale				
	falasse				

Observe-se a seguinte sentença:

(110) A lição foi hoje.

Segundo o quadro 4, classifica-se o **pretérito perfeito** como um fato acabado (**Aspecto PERFEITO**), possível (anterior ao diálogo e real, **modo próximo**) e não-eventual, isto é, absoluto (**modo indicativo**).

BACK & MATTOS estudam também o emprego das formas verbais no português em períodos autônomos e subordinados. No primeiro, é possível o aparecimento de todas as formas verbais, exceto o perfeito do subjuntivo que depende sempre do momento do acontecimento. Ou seja, para aparecer uma cena a que se possa referir, deve aparecer igualmente um período em que a forma perfeita subjuntiva se manifeste, fato que não ocorre em períodos simples autônomos.

Conforme BACK & MATTOS, o presente assinala o fato inacabado (aspecto IMPERFEITO):

a) ocorrido durante o momento do diálogo, com os verbos contínuos:*

*Verbos contínuos indicam o fato que se prolonga no momento do diálogo (p.ex.: eu moro lá); os descontínuos marcam o que vai iniciar-se depois do diálogo (p.ex.: eu vou lá), segundo BACK & MATTOS.

(111) Ela não gosta de mim;

b) verificado depois do diálogo, com verbos descontínuos:

(112) Amanhã vou lá, saio mais cedo...;

c) que se repete:

(113) O casamento e a mortalha no céu se talha.

Esses fatos são vistos como reais, certos ou prováveis. Como se pode observar, BACK & MATTOS, a exemplo de CASTILHO, também lançam mão da classificação semântica dos verbos.

O pretérito imperfeito assinala o fato inacabado (Aspecto IMPERFEITO) e realizável com ocorrência improvável, por exemplo:

(114) - Que faria o senhor, no meu caso?

- Eu recusava.

O infinitivo, por anular o sentido de possibilidade, pode ser próximo ou remoto, dependendo da situação. Ao neutralizar o sentido em que o remoto repousa numa anterioridade, desaparecendo o sentido de posterioridade, não ocorre a oposição indicativo e subjuntivo. For exemplo:

(115) Como alistar-me, se o novo governo não tem inimigo?

O presente do subjuntivo implica posterioridade por conter o significado de eventual (subjuntivo). For exemplo:

(116) Venha!!! e dormirá aqui na cidade.

Já o perfeito do subjuntivo contém os sentidos do IMPERFEITO e do subjuntivo acrescidos ao de impossibilidade. Exemplificando:

(117) Tivesse eu um pote!!!

O gerúndio, por sua vez, tem os mesmos significados dos dois anteriores, mas anula a oposição do sentido de possibilidade. Por exemplo:

(118) Andando!!!

As formas verbais referentes ao pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo indicam o fato acabado (Aspecto PERFEITO) e realizado, sendo distintas em relação à possibilidade. O perfeito indica o fato possível. Por exemplo:

(119) D. Severina parou, espiou, deu com ele na rede, dormindo, com o braço para fora e caído no chão.

Já o pretérito mais-que-perfeito sugere a impossibilidade do acontecimento. Por exemplo:

(120) Quisera ir pessoalmente, mas é provável que não possa.

BACK & MATTOS, propõem um significado autônomo para a flexão (modo aspectual), não confundindo tempo, aspecto e modo por considerarem que o tempo está subordinado ao momento da fala, o aspecto ao momento da cena e o modo à opinião do falante. Desse modo, se o momento da fala for a diretriz, tem-se tempo. Já se a diretriz for o momento do acontecimento, tem-se aspecto.

O sistema de classificação temporal de BACK & MATTOS é similar ao de REICHENBACH. O momento da fala para ambos é o momento em que se faz a enunciação sobre o evento (processo ou ação); é a referência fundamental para a indicação do tempo. Já o momento da cena - o ME - se refere ao tempo da predicação: o momento em que se dá o evento descrito, caracterizando o aspecto. Quanto ao MR, BACK & MATTOS não

explicam sua função, apesar de utilizarem essa noção na caracterização do tempo/aspecto em português.

Segundo BACK & MATTOS,²¹ o tempo em que se realiza o fato é assinalado de duas maneiras:

- Pelas circunstâncias da situação

(121) - "Diga-me, Sr. Freitas!! Se me desse na cabeça ir à Europa, o senhor **era** capaz de acompanhar-me?

- Não!" (Machado de Assis) (= 4)

Todo o diálogo nos esclarece que se trata de uma época futura, posterior ao momento em que se fala.

- Por vocábulos específicos

(122) "Embarco **amanhã** para o sul" (M. de Assis)

O advérbio **amanhã** indica que a ação de embarcar vai ocorrer em um momento posterior ao momento da fala: futuro.

Comumente, o falante se reporta ao momento do diálogo quando conversa, exceto quando ocorre indicação contrária. Assim, os autores afirmam que

o imperfeito alude a fatos simultâneos ou posteriores ao diálogo, aplicando-se ao presente e ao futuro com muita facilidade; o perfeito assinala fatos simultâneos ou anteriores ao diálogo, empregando-se para o passado e o presente.
Exemplos:

Caminhamos para lá.	- Presente, simultâneo ao diálogo
Caminhemos para lá!!	- Futuro, posterior ao diálogo
Chegou ontem.	- Passado, anterior ao diálogo
Chegou agora.	- Presente, simultâneo ao diálogo

As duas primeiras formas são imperfeitas: o fato é inacabado dentro do diálogo; as duas últimas são perfeitas: o fato é acabado dentro do diálogo. Essa é a distribuição neutra, o que nada significa, porque, estando clara à época à vista de outros recursos e mantidos os aspectos de inacabado e acabado, o imperfeito pode referir-se à época passada e o perfeito à futura.²²

Nessa perspectiva, o tempo é caracterizado como nos exemplos abaixo:

(123) Marcos **trabalha** na universidade.

Tempo Presente/Aspecto IMPERFEITO

(124) Marcos **trabalhava** na universidade.

Tempo passado/Aspecto IMPERFEITO

(125) Marcos **trabalhou** na universidade.

Tempo passado/Aspecto PERFEITO

Considerando que o falante toma como referência o momento da fala e a ausência de marca temporal gramaticalmente explícita (do tipo das expressões adverbiais), bem como o pressuposto de que a flexão verbal indica tempo lingüístico, denominado aspecto, pode-se afirmar que o tempo, enquanto categoria dêitica, é indicado pragmaticamente. Portanto, o que determina o tempo presente em (123) e passado em (124) e (125) é a relação entre o TEMPO expresso na sentença (contexto lingüístico) e o momento da fala (contexto extralingüístico). A ocorrência da situação descrita pelas sentenças (124) e (125) - a ação de trabalhar - é anterior ao momento da enunciação caracterizando o tempo passado. Em (123) a situação ocorre simultaneamente ao momento da fala, o que assinala o tempo presente.

Em suma, para BACK & MATTOS, a língua portuguesa indica aspecto pelas flexões verbais, enquanto tempo é dado pelo contexto ou vem marcado pelos advérbios temporais. Esse pressuposto fundamenta a análise desenvolvida a seguir.

NOTAS DE REFERENCIA

- ¹REICHENBACH, H. Element of Symbolic Logic. New York, The Macmillan Company, 1946 (1947).
557. ²HORNSTEIN, N. "Towards a Theory of Tense". Linguistic Inquiry. Vol.8, n.3, 1977, p.521-341.
- ³WACHTEL, T. "Some Problems in tense theory". Linguistic Inquiry. Vol.13, n.2, 1982, p.336-341.
- ⁴ILARI, R. "Alguns recursos gramaticais para a expressão do tempo em português - Notas de um projeto de pesquisa". Estudos de Filosofia e Linguística. São Paulo, T.A. Queiroz e EDUSP, 1981, p.181-194.
- ⁵COROA, M.L. O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica. Brasília, Thesaurus, 1985. 140p.
- ⁶REICHENBACH, p.297.
- ⁷_____. p.290.
- ⁸COROA, M.L. 1985.
- ⁹GOLDSMITH, J. & WOISETSCHLAEGGER, E. "The logic of the English Progressive". Linguistic Inquiry. Vol.13, n.1, Winter, 1982. p.79-90.
- ¹⁰COROA, M.L. p.75.
- ¹¹_____. p.75.
- ¹²WOISETSCHLAEGGER, E. A Semantic Theory of the English Auxiliary System. IV Linguistics Club, Princeton University, 1976.
- ¹³ILARI, R. p.75.
- ¹⁴_____. p.182.
- ¹⁶_____. p.186.
- ¹⁸BACK, Eurico & MATTOS, Gerado. Gramática construtural da língua portuguesa. 1.ed.. São Paulo: FTD, 1972, 2v.
- ¹⁷_____. p.639-669.
- ¹⁸_____. p.639, 2v.
- ¹⁹_____. p. 657, 2v.
- ²⁰_____. p. 657, 2v.
- ²¹_____. p. 642-643, 2v.
- ²²_____. p. 643.

CAPITULO III

ASPECTO: uma proposta de análise

1 ANALISE

Minha discussão sobre a expressão gramatical do aspecto no português vai utilizar o sistema de REICHENBACH¹ e a classificação dos morfemas aspectuais da língua portuguesa desenvolvida por BACK & MATTOS². Seguindo a sugestão de BORGES NETO e o trabalho de BACK & MATTOS, vou separar as relações entre ME e MR, que caracterizam o **aspecto**, das relações entre (ME/MR) e MF, que caracterizam o **tempo**. Logo, a noção de tempo é compreendida como a relação entre o tempo da situação descrita e algum outro tempo, geralmente o momento da fala. Em oposição ao caráter dêitico da categoria tempo, tem-se outra noção temporal não-dêitica denominada aspecto - dada a complexidade de sua conceituação - expressa pelas flexões verbais e caracterizada como "tempo lingüístico" (tempo inerente ao evento).

Considero que o aspecto PERFEITO indica fato **acabado**, delimitando os limites do evento (processo ou ação), isto é, marca seu final. O IMPERFEITO indica fato **inacabado**, não expressando os limites do evento (processo ou ação). Note que um fato é **acabado** (ou **inacabado**) sempre com relação a um ponto de referência: nada é acabado de modo absoluto. Logo, o fato é **acabado** (ou **inacabado**) com relação a algum momento no fluxo temporal, que tanto pode ser o momento da fala quanto algum outro momento arbitrariamente escolhido e denotado por uma expressão adverbial, por exemplo. Em suma, o ponto de referência é arbitrário e pode ser dado contextualmente.

Outra questão que merece destaque é a derivação contextual do MR. Como vimos no capítulo II, ILARI³ observa que os dados relevantes para se estabelecer o MR podem ser encontrados em eventos que são objeto de referência em outras orações ou períodos vizinhos. Exemplo:

(126) Quando o cientista Hall levou sua descoberta ao congresso de Atlanta, em 1943, não era a primeira vez que se falava de radiações nos meios científicos aliados: o fenômeno dos raios cósmicos já tinha sido registrado várias vezes em 1940.

Nesse discurso, o MR da segunda oração é o **congresso de Atlanta de 1943**, que foi objeto de referência na oração anterior, segundo ILARI.⁴

Embora o MR possa se identificar com alguma indicação mais concreta que apareça no texto - como datas - sua caracterização se aproxima mais de um tempo psicológico, maleável e livre, que o falante e o ouvinte conhecem como sistema de referência temporal. Cabe ressaltar que, na falta de um MR explícito, o falante utiliza geralmente o MF como sistema de referência, como veremos nos exemplos adiante.

Feitas essas considerações, caracterizo os aspectos PERFEITO e IMPERFEITO, como:

1) Aspecto PERFEITO = (ME - MR)

Flexão: - ei

- i

- ste

- ra

- ou

- ram

(127) José **praticou** natação.

(ME - MR)

MR = MF

ME = a ação de praticar natação

O ME é anterior a MR. A prática de natação se dá em um intervalo de tempo e este é anterior ao MR. É um fato concluído em relação ao MR.

2) Aspecto IMPERFEITO = ME. MR

Flexão: - 0

- va

- ia

(128) José **pratica** esportes.

(ME, MR)

MR = MF

ME = a ação de praticar esportes

ME e MR são simultâneos; a prática de esportes se dá no intervalo de tempo situado no MR. É um fato inacabado que ocorre várias vezes: José pratica esportes na segunda, terça, etc., o que descreve uma ação habitual e ilimitada.

Considerando os pressupostos acima, vejamos as seguintes sentenças:

(129) Marcos **trabalhou** na universidade.

ME - MR

(130) Marcos **trabalha** na universidade.

ME, MR

(131) **Jantamos** em casa.

a) ME, MR

b) ME - MR

(132) **Tenho** dinheiro no banco.

ME, MR

O aspecto PERFEITO indica fato consumado e expressa os limites de sua ocorrência. (129) implica o cessamento do evento, sugere que Marcos não trabalha mais na universidade. O ME (a ação de trabalhar) ocorre em um tempo anterior ao MR. Em relação ao MR, esse fato já se efetivou. E, portanto, acabado. Os limites da ação são dados pelo intervalo entre ME e MR.

Em (130), (131a) e (132), considera-se que o ME é simultâneo ao MR: o tempo da predicação ocorre conjuntamente com o tempo de referência (aspecto IMPERFEITO), não sendo especificados seus limites. A ação de jantar, ter dinheiro e trabalhar (ME) ocorre em algum momento do MR. Essas proposições são verdadeiras enquanto jantarmos em casa, eu tiver dinheiro no banco e Marcos trabalhar na universidade, mesmo que esses fatos não estejam ocorrendo todo tempo, pois MR pode ser entendido ou diminuído conforme a situação. Essa temporalidade das proposições é dada pelo MR.

Em (131), a ambigüidade do verbo - jantamos = presente do indicativo (ME, MR) ou jantamos = pretérito perfeito do indicativo (ME - MR) - faz com que a sentença veicule dois significados: o de ação inacabada (aspecto IMPERFEITO) e o de ação acabada (aspecto PERFEITO). Exemplo:

(131a) Nós habitualmente **jantamos** em casa e almoçamos perto do trabalho.

(131b) No sábado a noite não saímos, **jantamos** em casa.

Em (132), por força da flexão verbal, a relação de simultaneidade entre ME e MR está sempre presente. O contexto,

no entanto, pode situar temporalmente de formas distintas o evento. Vejamos:

(132) a) Saindo o salário, (eu) **tenho dinheiro** no banco e posso te pagar o jantar.

(ME, MR) = imperfeito

MF - (ME, MR) = futuro

Como se observou nos exemplos dados, o IMPERFEITO indica fatos inacabados, não especificando seus limites. Em **Marcos trabalha na universidade**, a flexão verbal (Ø - aspecto IMPERFEITO) marca que, em um determinado momento do MR, ocorre a ação de **Marcos trabalhar na universidade** (ME). No entanto, o PERFEITO marca que o fato ocorreu em um dado momento do MR e não ocorre mais: **Marcos trabalhou na universidade** e, agora, não trabalha mais lá.

Vejamos outros exemplos:

(133) **Marcos trabalha** na universidade.

ME, MR

(134) **Marcos trabalhava** na universidade.

a) ME, MR

ou

b) ME - MR

As sentenças acima expressam, a princípio, eventos não-limitados, caracterizando o aspecto IMPERFEITO. Imaginando um contexto maior em que se descreve a vida de Marcos dez anos atrás (MR=1980). (133) indica evento não-limitado e inacabado no período, enquanto (134) expressa tanto um fato inacabado, quanto acabado em relação ao MR. A questão é como diferenciar (133) de (134): (133) e (134 a) indicam eventos inacabados (aspecto IMPERFEITO) - se especificarmos ou não o MR - e (134

b) indica que a ação já se efetivou, podendo ser caracterizada como aspecto PERFEITO.

Na análise constatou-se que a forma verbal **trabalhava** não se conforma à hipótese que pretendemos sustentar nesta dissertação. Conhecendo esse problema, vamos investigar a relação do aspecto com o tempo e a indicação explícita do MR para tentar solucionar essa questão.

Caracterizando o aspecto, a expressão gramatical do tempo é analisada através da relação entre ME/MR e MF.

Exemplos:

(135) Marcos **trabalha** na universidade.

ME = (MR = MF) tempo presente

ME, MR aspecto IMPERFEITO

(136) Marcos **trabalhava** na universidade.

a) ME = (MR = MF) tempo presente

ME, MR aspecto IMPERFEITO

ou

b) ME - (MR = MF) tempo passado

ME - MR aspecto PERFEITO

(137) Marcos **trabalhou** na universidade.

ME - (MR = MF) tempo passado

ME - MR aspecto PERFEITO

Como não há marca temporal explícita para delimitar o MR (por exemplo, expressões adverbiais de tempo), o falante utiliza o MF como sistema de referência (MF = MR). Assim, em (135) tem-se o tempo presente, pois (ME = MF). Já em (136b) e (137), o tempo é passado, devido o ME ser anterior ao MF (ME-MF). Podemos ter o tempo presente (136a) conforme o contexto. Exemplificando:

(136a) Duas crianças brincando. Uma delas diz: "eu era a mãe e o Marcos era o pai. O Marcos trabalhava na universidade..."

Considerando o tempo como categoria dêitica, a análise não apresenta problemas. Mas para se manter coerência nos critérios utilizados para diferenciar o aspecto IMPERFEITO do PERFEITO, (135) e (136) teriam que ser interpretados de modo semelhante: ME, MR => aspecto IMPERFEITO e tempos presente e passado. Mas essa análise não veicula a noção de ação concluída no passado também expressa por (136b). Por outro lado, ao se considerar essa questão, (136b) e (137) apresentam a mesma interpretação: (ME - MR => aspecto PERFEITO e tempo passado). Portanto, com os critérios utilizados na análise, a flexão - va indica tanto o aspecto IMPERFEITO como o PERFEITO.

A especificação do MR, com a introdução de expressões adverbiais, proporciona análise pertinente a ser desenvolvida em trabalhos posteriores, visto que elas alteram a perspectiva temporal das sentenças. Neste estudo, apenas considero algumas questões relativas a esse assunto, devido sua complexidade ultrapassar os objetivos desta dissertação.

Os advérbios temporais trazem consigo alguma semântica de tempo, fazendo com que o significado temporal dos verbos, segundo sua forma morfológica, seja reestruturado. Essas palavras que funcionam como portas do tempo* - advérbios de tempo, conjunções, gerúndio e pronomes relativos - conectam dois

*Denominação de TRAVAGLIA.

níveis temporais (aspecto/tempo), correlacionando-os e criando uma nova dimensão temporal.

Observem-se os seguintes exemplos:

(138) Em 1991, Marcos **trabalha** na universidade.

ME, MR - MF

(139) Em 1991, Marcos **trabalhava** na universidade.

ME, MR - MF (a)

ou

ME - MR - MF (b)

(140) Em 1991, Marcos **trabalhou** na universidade.

ME - MR - MF

Nos exemplos acima, apesar de se ter especificado o MR (MR = 1991), tem-se a mesma problemática já apontada. Em relação ao MF, o tempo é passado nas três sentenças. O problema é como diferenciar (139) quanto ao aspecto PERFEITO/IMPERFEITO. Os dois significados veiculados em (139) dependem do contexto em que a sentença estiver inserida, pois tanto o Marcos pode continuar trabalhando na universidade quanto não. Se a **continuidade** do trabalho é possível, (139) (a) se aproxima de (138); se a continuidade é impedida, (139) (b) se aproxima de (140).

Vejamos outros exemplos:⁵

(141) Em 1939, **eclode** a 2ª Guerra Mundial.

MR = em 1939

ME, MR - MF

(142) **Eclode** a 2ª Guerra Mundial.

MR = ?

ME, MR = MF

O MR (MR = 1939) é simultâneo ao ME em (141), o que caracteriza o aspecto IMPERFEITO. Ao relacioná-lo com o MF (1992, por exemplo), tem-se o tempo passado. Já em (142), o MR não está marcado por expressões temporais. O falante considera, então, os dias atuais como MR (MR = MF). O sentido de (142) dá a eclosão da 2ª guerra como algo do **presente**, o que é estranho em virtude de sabermos (conhecimento enciclopédico, não-lingüístico) que essa eclosão já é coisa do passado. Esse tipo de sentença descreve eventos que ocorrem no momento em que se dá a enunciação. Caso contrário, (142) deve estar inserida em um contexto no qual se indique o MR.

Nas sentenças abaixo, o MR não precisa estar especificado, pois os acontecimentos se dão próximos ao momento em que são enunciados. Logo, o falante usa como referência o momento em que ocorre a enunciação, que é geralmente o MF.

(143) A ministra Zélia pede demissão.

ME, MR = MF

(144) O Brasil vai ao FMI.

ME, MR = MF

Mesmo com a delimitação do MR* através de expressões adverbiais - questão que, devido a sua complexidade, necessita de estudo mais abrangente em trabalho posterior - e caracterização do tempo, o processo de análise delimitou apenas o papel da flexão do presente e do pretérito perfeito do indicativo na indicação do aspecto, não conseguindo

*A especificação do MR nas sentenças que contém expressões adverbiais temporais é questão que permanece aberta. ILARI⁶ discorre sobre a ambigüidade de aplicação do adjunto (ora a ME, ora a MR), o que afeta todos os tempos verbais para os quais ME e MR são evidentemente distintos.

especificar o significado da flexão do pretérito imperfeito (- va) na expressão do aspecto (quadro 5).

QUADRO 5 - CARACTERIZACAO DO TEMPO/ASPECTO NO PORTUGUES

ASPECTO	FLEXAO VERBAL	CARACTERIZACAO DO ASPECTO	TEMPO
Imperfeito (inacabado)	Ø (presente) - va (?)	ME, MR	= MF (presente) < MF (passado) > MF (futuro)
Perfeito (acabado)	- ey - i - ste (pretérito perfeito) - ra - ou - ram - va (?)	ME - MR	= MF (presente) < MF (passado) > MF (futuro)

Logo, temos a seguinte caracterização das flexões verbais:

trabalhou - ME - MR (PERFEITO - acabado)
 trabalha - ME, MR (IMPERFEITO - inacabado)
 trabalhava - ME, MR (IMPERFEITO - inacabado)
 ou
 - ME - MR (PERFEITO - acabado)

Retomando a análise proposta para o exemplo (136), constatamos que uma das possibilidades de solução dessa questão é considerar o pretérito imperfeito como forma ambígua:

trabalhava₁ - ME, MR (IMPERFEITO - inacabado)
 trabalhava₂ - ME - MR (PERFEITO - acabado)

Vejamos:

(145) Marcos trabalhava_{1,2} na universidade (=136)

(146) - Você trabalhava₁ no texto ainda mais um pouco?

- Trabalhava₂, não trabalho mais.

(147) - "A moça volta-se para a amiga:

- Meu namorado **morava** nesta rua.
- Mudou-se??
- Não. Desmanchamos".

(148) - Eu **queria** que você chegasse cedo.

- **Querias?** Não quer mais?

Conforme o contexto, a forma **trabalhava** em (145) indica aspecto IMPERFEITO ou PERFEITO. Exemplos:

(145a) Duas crianças brincando: Uma delas diz: "eu **era** a mãe e o Marcos **era** o pai. O Marcos **trabalhava** na universidade" (=136a).

(145b) No bar dois amigos falam de um outro amigo em comum: - Estou preocupado com o Marcos, ele não pára nos empregos. Até outro dia o Marcos **trabalhava** na universidade. Agora, ele tá trabalhando com o pai..."

Em (146), **trabalhava** indica ação inacabada, equivalendo a **trabalha** - aspecto IMPERFEITO. Ao responder a pergunta, o falante utiliza a forma **trabalhava** para indicar que a ação é acabada: ele não vai mais trabalhar - aspecto PERFEITO. Podemos supor que, habitualmente, ele atendesse o pedido solicitado e, agora, não o faz mais. Já em (147) como o fato é impossível na situação, pois não é mais namorado dela, ocorre a utilização da forma **morava** dando a idéia de ação acabada. Se conviesse ao falante demonstrar a possibilidade do fato e o seu término usaria a forma **morou**, o que acarretaria mudança na continuação do diálogo. Em (148), temos a mesma situação de (146): **queria** indica ação inacabada, enquanto **querias** marca seu final, visto que o falante não quer mais.

O caráter distinto das duas formas do IMPERFEITO pode também ser observado nos seguintes exemplos.

(149) Maria **ama** João.

ME, MR

(150) Maria **amava** João.

ME, MR - **amava₁**

ou

ME - MR - **amava₂**

(151) Maria **amou** João.

ME - MR

Em (149), indica-se uma ação inacabada: o "estado" de Maria amar João é permanente, enquanto em (151) o "estado" de amor já terminou: Maria não ama mais o João, ama Pedro, por exemplo. Já em (150) temos as duas possibilidades de compreensão do significado da sentença: **amava₁** indica que a ação é inacabada, por exemplo: Maria **amava₁** João quando conheceu Pedro; **amava₂**, por outro lado, indica que a ação já é concluída: Maria **amava₂** João, não ama mais.

Conforme o tipo do verbo* podemos ter uma ou outra forma do IMPERFEITO. Vejamos:

(152) Marcos **pinta** um quadro.

ME, MR

(153) Marcos **pintava₁** um quadro (quando eu cheguei).

ME, MR

(154) Marcos **pintava₂** quadros.

ME - MR

*Caberia uma investigação da relação entre significado expresso pelo radical e o da flexão verbal. Uma classificação dos verbos, nos moldes da classificação de VENDLER, talvez fosse útil e interessante.

(155) Marcos pintou um quadro.

ME - MR

(152) e (153) indicam que a ação de pintar um quadro é inacabada, enquanto (155) expressa que ela já se efetivou: o quadro está pronto. Note que em (153) o quadro pode ser concluído ou não: a ação é inacabada ao tomarmos como ponto de referência *minha chegada*. Por outro lado, (154) indica que a ação de pintar quadros é acabada: Marcos *pintava* quadros, agora faz esculturas.

Segundo BACK & MATTOS,⁷ a língua (sistema) prevê formas específicas que marcam a escolha do falante. Assim, a opção entre a forma perfeita ou imperfeita também decorre da situação em que ele se encontra. Em alguns casos, o contexto direciona a utilização da forma perfeita, por exemplo:⁸

(156) Ele se afogou e eu não pude socorrê-lo.

Aspecto PERFEITO

(157) Ele se afogava₁ e eu não podia₁ socorrê-lo.

Aspecto IMPERFEITO

(156) apresenta fatos consumados por oposição a um mero relato não-comprometido com o evento em (157). Apenas em (156) se tem certeza da sua morte por implicação lógica, implicação que não é cancelável sem que o falante se contradiga.

(158)* Ele se afogou e eu não pude socorrê-lo, mas ele não morreu.

(159) Ele se afogava e eu não podia socorrê-lo, mas ele não morreu (porque os salva-vidas chegaram a tempo).

Já em outros contextos, pode-se utilizar uma forma ou outra. Exemplo:⁹

"Aqui jaz o Sol	- Imperfeito
Que criou a aurora	- Perfeito
E deu luz ao dia	- Perfeito
E apascentou a tarde".	- Perfeito

(Vinicius de Moraes)

O poeta nos afirma que o repouso do Sol (jazer) continua, mas os outros três fatos (criar, dar e apascentar) cessaram. Se quisesse, poderia indicar-nos o repouso como cessado e os três outros fatos como inacabados, e nos diria:

"Aqui jazeu o Sol	- Perfeito
Que cria a aurora	- Imperfeito
E dá luz ao dia	- Imperfeito
E apascenta a tarde".	- Imperfeito

A forma do pretérito imperfeito (trabalhava, estudava, etc.) talvez também possa ser distinguida do presente ou do perfeito por exigir uma complementação discursiva. Observe (137) em comparação a (136): pode-se afirmar (137) sem problema; (136), no entanto, só vai ser enunciado se houver algum outro fato relevante no diálogo. Exemplo:

(160) Marcos trabalhava₁ na universidade quando Ocyron Cunha era reitor (e ainda trabalha lá).

(161) Marcos trabalhava₂ na universidade quando Ocyron Cunha era reitor (e agora não trabalha mais).

Também observa-se a necessidade de se complementar a sentença ao se opor o PERFEITO ao IMPERFEITO. Exemplo:

(162) Fechei a janela.

(163) Fechava₁ a janela (quando Márcia estacionou o carro).

(162) indica um fato consumado, não necessitando de informações adicionais para que se compreenda a sentença. Já ao se enunciar apenas Fechava a janela, há necessidade de se explicitar o MR para se compreender o enunciado.

NOTAS DE REFERENCIA

¹REICHENBACH, H. Element of Symbolic Logic. New York. The Macmillan Company, 1948 (1947).

²BACK, Eurico & MATTOS, Geraldo. Gramática construtural da língua portuguesa. 1.ed. São Paulo : FTD, 1972, 2v.

³ILARI, Rodolfo. "Alguns recursos gramaticais para a expressão do tempo em português - Notas de um projeto de pesquisa". Estudos de Filosofia e Linguística. São Paulo, T.A. Queiroz e EDUSP, 1981. p.181-194.

⁴_____, p.184.

⁵COROA, M.L.. O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica. Brasília. Thesaurus. 1985. p.41.

⁶ILARI, p.184.

⁷BACK, Eurico & MATTOS, Geraldo. 1972. 2v.

⁸COROA, p.54.

⁹BACK & MATTOS, p.642.

CONCLUSÃO

A investigação da expressão do aspecto pelas flexões verbais, por envolver o estudo das categorias tempo, aspecto e modo, categorias essas que envolvem estudos de ampla investigação lingüística, é questão que permanece aberta, necessitando de discussão mais abrangente.

Mesmo apresentando direcionamento distinto dos existentes na literatura lingüística, o tratamento do aspecto pelas flexões verbais se mostrou viável, conforme já havia sido constatado por BACK & MATTOS³. Com isso, pude evidenciar, através da análise proposta no capítulo III, que o pretérito imperfeito do indicativo é uma forma ambígua: ora significa ação acabada (aspecto PERFEITO), ora inacabada (aspecto IMPERFEITO), conforme o contexto.

A complexidade do assunto faz com que seja necessário um exame exaustivo para afirmarmos que a flexão verbal no português indica apenas aspecto.

Uma das questões a ser aprofundada se refere ao significado das flexões verbais do subjuntivo. Outro estudo pertinente também seria a discussão do papel da flexão verbal na indicação de aspecto nas denominadas perífrases verbais.

A distinção entre os aspectos PERFEITO e IMPERFEITO também poderia ser revista. Há vasta bibliografia que discute esses conceitos. Um trabalho interessante poderia partir da

discussão semântica desses aspectos, revendo suas principais classificações e sua expressão pelas flexões verbais.

Uma investigação da relação entre o significado expresso pelo radical e o da flexão verbal seria conveniente para o estudo da expressão do aspecto no português. Uma classificação dos verbos, nos moldes da de VENDLER,³⁹ talvez fosse útil e interessante.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- 1 ALLWOOD, J. ANDERSON, L. & DAHL, O. Logic in linguistics. Cambridge, CUP: 1977. 185p.
- 2 ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática metódica da língua portuguesa. 34 ed.. São Paulo: Saraiva. 1986. 658p.
- 3 BACK, Eurico & MATTOS, Geraldo. Gramática construtural da língua portuguesa. 1.ed.. São Paulo: FTD. 1972. 2v.
- 4 BONFIM, Eneida. Advérbios. São Paulo: Atica. Col. Princípios, n.129. 1988. 80p.
- 5 BORGES NETO, José. Da Gramática Categorial. Construtura (17), 5-19. 1979.
- 6 CAMARA JUNIOR, Joaquim Matoso. Princípios de lingüística geral. 4 ed.. Rio de Janeiro: Acadêmica. 1974. 333p.
- 7 CASTILHO, Ataliba T. de. Introdução ao aspecto verbal na língua portuguesa. Marília, 1968. 133p. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.
- 8 CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da língua portuguesa. 28 ed.. São Paulo: Nacional. 1985. 556p.
- 9 COMRIE, Bernard. Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. London: Cambridge University Press. 1976. 142p.
- 10 COMRIE, Bernard. Tense. London: Cambridge University Press. 1985. 139p.
- 11 COROA, Maria Luiza. O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica. Brasília, Thesaurus, 1985. 104p.
- 12 COSTA, Sônia Bastos Borba. O aspecto em português. São Paulo: Contexto. 1990. Coleção Repensando a língua portuguesa. 102p.
- 13 CUNHA, Celso. Gramática da língua portuguesa. 9.ed.. Rio de Janeiro, MEC/FENAME. 1983. 654p.
- 14 CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 2.ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985. 714p.
- 15 DAVIDSON, Donald. Verdade e significado. In: DASCAL, Marcelo. Fundamentos metodológicos da lingüística. Campinas. 1982. v.3. p.145-180.
- 16 DIAS, Augusto Epiphanyo da Silva. Syntaxe histórica portuguesa. Lisboa: Clássica. 1970. 442p.

- 17 DOWTY, David R.. Word meaning and montague grammar. Dordrecht: D. Reidel. 1979. 415p.
- 18 _____. Tenses, time adverbs and compositional semantic theory. Linguistics and Philosophy, 5:23-55, 1982.
- 19 DOWTY, David R., WALL, R.E. & PETERS, S. Introduction to montague semantics. Dordrecht - Holland, Boston & London: Reidel. 1985. 313p.
- 20 FREGE, Gottlob. Lógica e filosofia da linguagem. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. 157p.
- 21 HORNSTEIN, N.. Towards a Theory of Tense. Linguistic Inquiry, vol8, n.3. 1977. p.521-557.
- 22 ILARI, Rodolfo. Alguns recursos gramaticais para a expressão do tempo em português - Notas de um projeto de pesquisa. Estudos de Filosofia e Linguística. São Paulo, T.A. Queiroz e EDUSP, 1981. p.181-194.
- 23 KEMPSON, Ruth M. Teoria semântica. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. 203p.
- 24 LIMA, Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa. 15.ed.. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972. 506p.
- 25 LYONS, John. Semantics. London & N.York: CUP, 1977. 2v.
- 25 MAKINSON, D. Vantagens e limitações da abordagem adjukiewicziana da gramática. Discurso, Ano IV, nº 4, 155-65.
- 27 MATEUS, Maria H.M. et al.. Gramática da língua portuguesa. Coimbra: Almedina, 1982. 568p.
- 28 MONTAGUE, Richard. "The Proper Treatment of Quantification in English". In: R. Thomason (ed.), 1979. 247-270p.
- 29 MULLER, Ana de Paula. Um estudo sobre a Gramática de Montague e sua aplicação a um fragmento do Português. Curitiba, 1989. 177p. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná.
- 30 _____. Sobre a Gramática de Montague. Fragmenta (4), 32-43, 1987.
- 31 PEREIRA, Eduardo Carlos. Gramática expositiva. 60.ed.. São Paulo: Nacional, 1943.
- 32 PONTES, E. Estrutura do Verbo no Português Coloquial. Petrópolis. Vozes, 1972.
- 33 _____. Verbos auxiliares em Português. Petrópolis, Vozes, 1973.
- 34 REICHENBACH, H. Elements of Symbolic Logic. New York, The MacMillan Company, 1948 (1947).
- 35 RICHARDS, Barry & HENY, Frank. Tense, aspect and time adverbials. Linguistics and Philosophy, 5:59-154, 1982.
- 36 SAID ALI, Manuel. Gramática secundária da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1964. 249p.

- 37 _____ . Gramática histórica da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971. (Biblioteca Brasileira de Filologia, 19).
- 38 TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O aspecto verbal no português; a categoria e sua expressão. Ed. revisada. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985. 352p.
- 39 VENDLER, Zeno. Linguistics in philosophy, Cornell University Press, Ithaca, New York, 1967. Cap.4, p.97-121.
- 40 WACHTEL, T. Some problems in tense theory. Linguistic Inquiry, vol.13, no.2, 1982, p.336-341.